

e
JOURNAL USA

CONEXÕES NO CAMPUS

DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA • BUREAU DE INFORMAÇÕES INTERNACIONAIS



DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA/ AGOSTO DE 2009

VOLUME 14 / NÚMERO 8

<http://www.america.gov/publications/ejournalusa.html>

Programas de Informações Internacionais:

Coordenador	Jeremy F. Curtin
Editor executivo	Jonathan Margolis

Diretor de Criação	George Clack
Editor-chefe	Richard W. Huckaby
Editora-gerente	Charlene Porter
Editor associado	Joshua K. Handell
Gerente de Produção	Janine Perry
Programadora visual	Sylvia Scott

Editora de cópias	Kathleen Hug
Editora de fotografia	Ann Monroe Jacobs
Projeto da capa	David Hamill
Especialista em referências	Martin Manning
Revisora do português	Marília Araújo

Capa: especialmente desenhada pela Teshkeel Media para *eJournalUSA*, nossa capa apresenta três personagens da série de quadrinhos THE 99. Bari, o Curandeiro (centro, à esquerda), canaliza energia para curar ferimentos e consertar ossos quebrados. Jabba, o Poderoso (centro), tem músculos que crescem para torná-lo supernaturalmente forte. Noora, a Luz (de pé, no centro), tem a capacidade de enxergar o interior dos outros e confrontá-los com a verdade. O criador de THE 99, Naif Al-Mutawa, é entrevistado no artigo "Super-Heróis Surgem da Vida em Duas Nações".

Arte da capa: Ron Wagner
Cor: Steve Buccellato
Letras: Comcraft's Albert Deschesne
Os direitos autorais de THE 99 são de © 2009 Teshkeel Media Group

Do outro lado: outro herói de THE 99, de Al-Mutawa, Jami, o Montador, é um gênio da engenharia e da eletrônica cujos superpoderes parecem combinar tanto com a sala de aula quanto com a luta por justiça.

Arte: June Brigman e Roy Richardson
Cor: Steve Buccellato

O Bureau de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado dos EUA publica uma revista eletrônica mensal com o logo *eJournal USA*. Essas revistas analisam as principais questões enfrentadas pelos Estados Unidos e pela comunidade internacional, bem como a sociedade, os valores, o pensamento e as instituições dos EUA.

A cada mês é publicada uma revista nova em inglês, seguida pelas versões em francês, português, espanhol e russo. Algumas edições também são publicadas em árabe, chinês e persa. Cada revista é catalogada por volume e por número.

As opiniões expressas nas revistas não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA. O Departamento de Estado dos EUA não assume responsabilidade pelo conteúdo nem pela continuidade do acesso aos sites da internet para os quais há links nas revistas; tal responsabilidade cabe única e exclusivamente às entidades que publicam esses sites. Os artigos, fotografias e ilustrações das revistas podem ser reproduzidos e traduzidos fora dos Estados Unidos, a menos que contenham restrições explícitas de direitos autorais, em cujo caso é necessário pedir permissão aos detentores desses direitos mencionados na publicação.

O Bureau de Programas de Informações Internacionais mantém os números atuais e os anteriores em vários formatos eletrônicos em <http://www.america.gov/publications/ejournalusa.html>. Comentários são bem-vindos na embaixada dos EUA no seu país ou nos escritórios editoriais:

Editor, *eJournal USA*
IIP/PUBJ
SA-5, 1st Floor
U.S. Department of State
2200 C Street, NW
Washington, DC 20522-0501
United States of America
E-mail: eJournalUSA@state.gov

Sobre Esta Edição

Séculos antes da Era Comum, estudiosos viajavam a Taxila, no Paquistão, para estudar o budismo. Os gregos viajavam para a Pérsia antiga para estudar sob a orientação de Zoroastro. Os romanos estudavam a língua e os modos dos gregos. Neste mês de agosto, centenas de milhares de estudantes seguirão uma velha e boa tradição ao deixar seus lares em busca de ensino superior em outra terra. Durante o próximo ano, mais de 600 mil jovens são esperados nos Estados Unidos em busca de alguma forma de estudo. Eles chegarão ao país e encontrarão o caminho para campi espalhados pelos 50 estados, para serem recebidos por diversas comunidades acadêmicas.

Ao mesmo tempo, mais de 200 mil estudantes americanos deixarão seu país para estudar no exterior. A educação internacional é um imperativo para eles, suas famílias e suas escolas, mas também é uma questão de política nacional. Defender e apoiar programas internacionais de estudo tem sido um elemento-chave da política externa americana há décadas. Ao reafirmar seu compromisso com essa empreitada há apenas alguns anos, o Senado dos EUA determinou que a educação internacional dos estudantes é uma maneira importante “de trabalhar em prol de uma sociedade global pacífica”.

À medida que as viagens internacionais tornam o mundo um lugar menor e a economia globalizada faz os negócios, o comércio e o emprego ultrapassarem as fronteiras nacionais, fica cada vez mais evidente que a fluência em outras línguas e o conhecimento de outras culturas são habilidades recomendadas para os jovens se desenvolverem.

Embora a retração econômica global possa adiar os sonhos de alguns futuros estudantes internacionais no curto prazo, as tendências de longo prazo mostram que cada vez mais jovens são atraídos pelo exterior em busca de ensino superior. Quase o dobro de estudantes viaja para o exterior em busca de formação educacional hoje em comparação com 20 anos atrás. E, embora as preocupações econômicas e de segurança tenham imposto breves declínios no número de estudantes que vinham aos Estados Unidos no passado, a tendência é que esse número volte a crescer à medida que a situação se normalizar. É certo que a tendência natural dos jovens de buscar um horizonte distante não pode ser suprimida por muito tempo.

Nesta edição de *eJournal USA*, encontramos jovens no meio de uma experiência de estudo internacional. Encontramos outros que estão apenas começando a absorver as lições de seu estudo recente no exterior. Outros não tão jovens refletem sobre suas experiências e explicam como sua vida foi reformulada pelas lições e ideias que descobriram bem longe de casa. E os pais descrevem como seus filhos crescem com a experiência de estudar fora, tornando-se seres humanos mais corajosos e brilhantes. Também oferecemos dicas e orientação para o jovem leitor que poderá terminar esta leitura e decidir que a próxima etapa de seu aprendizado será no exterior. ■



Os direitos autorais de THE 99 são de © 2009 Teshkeel Media Group

— Os editores



DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA / AGOSTO DE 2009 / VOLUME 14 / NÚMERO 8
<http://www.america.gov/publications/ejournalusa.html>

Conexões no Campus

O QUE VOCÊ VAI APRENDER

4 **Como se Tornar um Intermediador Cultural**

MESA-REDONDA

Seis estudantes estrangeiros da Universidade Americana falam sobre suas vidas e experiências em um campus americano em Washington, DC.

6 **Minha Filha Desabrochou**

O indiano Vikram Murthy, pai de uma das estudantes que participa da mesa-redonda da Universidade Americana, reflete sobre a decisão de enviar sua filha para estudar nos Estados Unidos.

9 **Uma Família de Estudantes Internacionais**

O cingalês Mangala P.B. Yapa, intercambista na década de 1970, compara sua experiência com a de sua filha na Universidade Americana no século 21.

13 **Seis Anos na Suécia**

CHARLOTTE WEST

Americana vai para a Suécia como estudante de intercâmbio e descobre o trabalho de sua vida.

15 **Aqui Estou, uma Jovem Árvore**

NAJWA NASR

Professora libanesa de Linguística explica como um programa de intercâmbio para os Estados Unidos a levou a descobertas sobre as primeiras gerações de imigrantes árabes nos EUA e como isso mudou sua vida.

17 **A Esperança e a Amizade Prevaecem**

ROMAIN VEZIRIAN

Intercambista francês de ascendência armênia relembra como superou um legado de preconceitos durante um semestre passado em um campus universitário em Oklahoma.

19 **Super-Heróis Surgem da Vida em Duas Nações**

ENTREVISTA COM NAIF AL-MUTAWA

A criação binacional de um psicólogo kuwaitiano levou-o a difundir uma mensagem de diversidade e compreensão por meio da série de *graphic novel* THE 99.

21 **Escrever sobre Tolerância**

O primeiro projeto literário de Naif Al-Mutawa procurou ensinar os leitores mais jovens sobre como aceitar as diferenças nos outros.

23 **Chuck Norris e a Busca por Mim Mesma**

MEGHAN LOFTUS

Ex-intercambista americana descreve o semestre que passou na Espanha, quando aprendeu sobre si mesma e o que compartilha com jovens de outras culturas.

25 **Minha Viagem a Harvard**

SIYABULELA XUZA

Estudante sul-africano revela como um experimento científico na cozinha de sua mãe o ajudou a preparar o caminho para a Universidade de Harvard nos Estados Unidos.

POR QUE É IMPORTANTE

- 27 Em Defesa da Educação Internacional**
ALLAN GOODMAN, PRESIDENTE E DIRETOR EXECUTIVO,
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO INTERNACIONAL
Números recordes de estudantes americanos e estrangeiros estão deixando seus países para estudar no exterior.
- 30 Passaporte para o Sucesso**
Ex-alunos de programas internacionais de estudo alcançaram altos níveis de sucesso profissional.
- 32 Apenas os Fatos**
Estatísticas básicas sobre alunos estrangeiros e intercambistas nos Estados Unidos.

COMO É FEITO

- 33 O Básico sobre Vistos para os EUA**
O texto faz um resumo das etapas básicas para a obtenção de um visto e corrige os conceitos errados sobre o processo.
- 35 Redes Sociais e Estudos no Exterior**
CHARLOTTE WEST
Estudantes internacionais estão usando redes sociais para aprimorar sua experiência de aprendizado.
- 37 Novas Exigências nas Fronteiras dos EUA**
Novas exigências para cidadãos americanos viajando dentro e fora do país entram em vigor em 2009-2010.
- 38 Prepare-se, Aí Vai Você**
Passos para se preparar para uma viagem ao exterior.
- 41 Guia de Recursos**
Livros, relatórios, sites e outros materiais de referência voltados para o estudo internacional.

O QUE VOCÊ VAI APRENDER

Como se Tornar um Intermediador Cultural

Conversa com estudantes estrangeiros na Universidade Americana

Cerca de 600 mil estudantes estrangeiros assumirão suas vagas em campi dos Estados Unidos nas próximas semanas quando tem início um novo período letivo nas universidades. Outros 200 mil americanos farão o caminho inverso e deixarão o aconchego de seu próprio país para estudar em uma cultura diferente. Nessas centenas de milhares de vidas, nenhuma experiência será exatamente igual a outra. Mas quando os estudantes estrangeiros começam a contar suas histórias, surgem temas comuns sobre como é encontrar seu espaço em um novo país, em um campus desconhecido. A editora-gerente de eJournal USA, Charlene Porter, passou algumas horas com um grupo desses jovens no campus da Universidade Americana (A.U.) em Washington, DC:

- Akhmet Ishmukhamedov, Cazaquistão, bacharel em Ciência Política em 2009
- Shanika Yapa, Sri Lanka, aluna de graduação de Comunicações Públicas
- Gayatri Murthy, Índia, mestre em Comunicações Internacionais em 2009
- José Henríquez, El Salvador, mestre em Desenvolvimento Internacional em 2009
- Stephanie Ayeh, Gana, aluna de graduação de Estudos Econômicos/Internacionais
- Gihae Song, Coreia do Sul, candidata ao título de mestre em Gestão de Artes.

Pergunta: Akhmet, como recém-pós-graduado em Ciência Política, por que você considerou Washington o melhor lugar para estudar essa matéria?



José Henríquez (terceiro a partir da esquerda) explorou as Montanhas Shenandoah com os amigos Paul Colombini, Brigitte Basile e Xingni Liang da Universidade Americana

Cortesia: José Henríquez

Akhmet: Na verdade, eu estava estudando pelo programa presidencial Bolashak de bolsa de estudos do Cazaquistão. Quando apresentei todos os documentos para a minha candidatura à bolsa, o governo determinou a universidade e a cidade para onde eu iria. Ao levar em consideração minha especialização, administração pública, o governo selecionou Washington, DC, porque é uma cidade onde estão localizadas importantes instituições governamentais. Meus documentos foram encaminhados à Universidade Americana porque os gestores da bolsa já haviam enviado para essa universidade estudantes interessados em administração pública. Além disso, fui aceito na Faculdade de Diplomacia Pública da Universidade Americana, que é altamente conceituada. Quando cheguei aqui, achei o local excelente para estudar e fazer meu bacharelado em Ciência Política.



Como candidato a presidente, Barack Obama saudou os alunos da Universidade Americana durante uma escala das atividades de campanha em janeiro de 2008. Gayatri Murthy considera que foi o discurso de Obama que mostrou a ela os “Estados Unidos que as pessoas imaginavam”

P: O ano passado, ano de eleição presidencial, foi um ano e tanto para observar a política em Washington, uma vez que os Estados Unidos elegeram seu primeiro presidente afro-americano. Conte-me sobre suas observações desses eventos.

Akhmet: Estou feliz por ter estado aqui nessas eleições. Vi como as pessoas ficaram extremamente entusiasmadas com esses eventos. O resultado foi uma alta taxa de comparecimento nas eleições gerais. Ainda por cima, foi difícil prever quem venceria as eleições gerais. Por exemplo, no segundo trimestre perguntei a um dos meus professores: “Quem você acha que vencerá, McCain ou Obama?” Ele respondeu: “Provavelmente, McCain.” Depois, em outubro, ele disse: “Provavelmente Obama vencerá.” Quando acompanhávamos as primárias, os caucuses, a maneira como a política funciona aqui — é muito diferente de qualquer outro país do mundo.

P: Shanika, você é aluna de Comunicações Públicas, e certamente muitas questões sobre a mídia foram discutidas durante o ano da eleição presidencial. Quais foram as suas observações?

Shanika: Creio que houve muitas coisas positivas e negativas. Os debates ficarem disponíveis para as pessoas assistirem foi muito útil. Uma amiga minha decidiu em quem ia votar com base nos debates, o que achei estranho, mas foi como ela se decidiu.

P: Por que você achou estranho?

Shanika: Porque percebi aqui na A.U. que as pessoas ou são democratas ou são republicanas. Elas são muito firmes em suas convicções, e são muito poucas as pessoas que não têm forte identificação com um dos dois partidos.

P: Sua amiga era diferente dos outros americanos que você observou naquela ocasião?

Shanika: Sim. E sei que ela perdeu um dos debates, e foi realmente útil para ela ter tido a oportunidade de assisti-lo depois on-line. Mas, ao mesmo tempo, acho que a mídia foi tendenciosa a favor dos candidatos homens em comparação com as candidatas mulheres. Minha segunda área de interesse são estudos sobre mulheres e gênero, portanto, isso é importante, e falei bastante sobre essa questão nos meus cursos. Isso realmente não foi justo. Senti que eu fazia parte de uma maioria que não gostou disso, em especial da maneira como a mídia tratou a senadora [Hillary Rodham] Clinton e a governadora [Sarah] Palin. Elas foram escrutinadas de uma maneira em que os candidatos homens não foram.

Gayatri: Cheguei aqui pela primeira vez em agosto de 2007. Minha ideia dos Estados Unidos vinha da cultura popular, da literatura e das coisas que meu pai me contava. Para mim, a imagem dos Estados Unidos era Simon e Garfunkel e pessoas marchando no Mall [local de muitas

Minha Filha Desabrochou

Vikram Murthy

Vikram Murthy, pai da estudante internacional Gayatri Murthy do grupo da Universidade Americana, mostra outro lado da história da educação internacional. Murthy é engenheiro elétrico e mora e trabalha em Mumbai, na Índia.

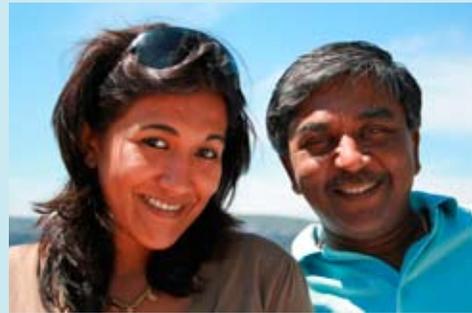
Quando Gayatri nos contou que estava decidida a fazer pós-graduação nos Estados Unidos, minha esposa e eu acolhemos a ideia com carinho. Não colocamos nenhuma resistência, mas duas coisas nos perturbavam: como obteríamos recursos suficientes para financiar sua educação nos Estados Unidos, e como Gayatri conseguiria viver de forma independente em um ambiente estranho?

Tivemos muita sorte de encontrar e contratar um consultor em Mumbai, que nos aconselhou sobre alguns desses problemas e nos tranquilizou com relação a muitas das nossas apreensões. Depois de encontrá-lo, Gayatri, minha mulher e eu pudemos passar por todo o processo com certo grau de tranquilidade e confiança. Mais tarde, Gayatri obteve uma bolsa de estudos de grande prestígio na Universidade Americana, e isso aliviou nossas preocupações financeiras, além de, naturalmente, ter nos deixado muito orgulhosos.

Quando chegou a hora de enfrentar a separação de fato, minha mulher e eu estávamos, com certeza, mais nervosos. Gayatri jamais havia morado longe de casa durante os 22 anos que passou conosco em Mumbai. Estávamos muito apreensivos sobre as primeiras semanas que ela passaria em Washington, pois não tínhamos lá amigos para recebê-la, para guiá-la ou para aconselhá-la.

Gayatri estava decidida a viajar sozinha, sem nenhum de nós. No fim, ela localizou em Washington uma senhora, irmã de um grande amigo da Índia. Essa pessoa recebeu Gayatri e lhe ofereceu um lugar onde poderia ficar por algumas semanas até encontrar sua própria moradia.

Sinceramente, diria que tanto nós, os pais, quanto Gayatri sofremos com a separação. Sentíamos falta da presença de nossa filha única todas as tardes, quando ambos voltávamos do trabalho, e ela sentia falta do calor e do conforto do lar, além da familiaridade e da confiança de viver em Mumbai.



Cortesia: Vikram Murthy/Foto: Narayan Raju

Vikram Murthy (à direita) diz que estudar nos Estados Unidos trouxe benefícios à sua filha Gayatri

Mesmo tendo sentido sua falta, minha mulher e eu vimos uma mudança positiva em Gayatri nos dois anos em que ela passou nos Estados Unidos. Ela está muito mais confiante e articulada. Consegue tomar decisões sobre sua vida pessoal e profissional com facilidade e sem necessidade de nos consultar. Ela se tornou o centro das conversas na maioria das plateias, e o faz com grande facilidade e discernimento — totalmente o oposto de sua natureza reservada e quieta de quando criança. A mudança de personalidade começou na Faculdade São Xavier em Mumbai, mas ela desabrochou no ambiente americano.

Outros pais poderão me perguntar se devem enviar seu filho ou filha a outro país, como nós fizemos. Não tenho resposta direta. Creio que as qualificações dos filhos para enfrentar um ambiente “estranho” e sua capacidade de adaptação dependerão muito de como foram criados. Para um jovem que cresceu em um ambiente semiurbano ou rural isso será mais difícil do que para outro educado na cidade, onde a vida apresenta desafios e as crianças aprendem a se adaptar mais facilmente. Os pais, assim como sua origem socioeconômica, também terão muita influência sobre a adaptabilidade do filho a mudanças. A familiaridade do jovem com o idioma inglês é outro fator. Isso é natural para muitos estudantes indianos que vão para os Estados Unidos, mas absolutamente não o é para outros.

Apesar de tudo o que disse, meu conselho a qualquer pai indiano é que uma educação no exterior é uma experiência que transformará seu filho em uma pessoa confiante, que poderá viver de forma independente e tomar decisões pessoais e profissionais em benefício próprio. ■

manifestações em Washington, DC]. (Risos.) Isso era o que meu pai me contava, mas meu primeiro semestre aqui não combinou com essa imagem idealista dos Estados Unidos. E me lembro do segundo trimestre de 2008, Obama veio à A.U. e discursou, e aquele foi o discurso em que foi apoiado por Ted Kennedy [senador dos EUA], e tudo isso aconteceu aqui. Meus amigos diziam: “Nós temos de ir!” Eu me lembro de ter acordado às 5 da manhã e ter ficado na fila para assistir.

Daquele momento em diante, o resto de 2008, pude ver esse idealismo. Qualquer que fosse o lado do espectro que se estivesse, as pessoas estavam conversando e tinham coisas com que se preocupar. Quanto a mim, pude ver os Estados Unidos que as pessoas imaginavam, especialmente a geração dos meus pais. Quando elas imaginam os Estados Unidos, pensam nos protestos contra a Guerra do Vietnã, na poesia da geração *beat*, e eu pude ver isso. Foi apenas um pouco mais do que isso.

P: Fale sobre aquele dia do discurso às 5 da manhã. Os seus amigos te arrancaram da cama?

Gayatri: Não, eu pensei: “Isso eu quero ver.” Como estudo Comunicações Internacionais, fico impressionada com quem consegue discursar bem e se comunicar com um grande número de pessoas. Portanto, eu estava interessada, mas não era como se eu tivesse de ir. No dia 4 de novembro [dia das eleições americanas de 2008], estava entusiasmada. Em 20 de janeiro [dia da posse], estava entusiasmada. Àquela altura, pensei: “Tenho de ir. Seria burrice perder este momento.”

Q: Chega de política, vamos falar sobre experiência acadêmica. Gayatri, você já fez o aquecimento. Fale sobre as diferenças entre as aulas nos Estados Unidos e na Índia.

Gayatri: Depende do que você estuda, mas, de maneira geral, as aulas são dadas de cima para baixo na Índia. O professor chega com uma ideia bastante fixa do que dar em aula. Estudei em uma faculdade jesuíta enorme; cada sala de aula tinha cerca de 300 pessoas. Era difícil fazer discussões em classe, e isso resulta em um certo grau de indiferença. E o nosso sistema se baseia totalmente nos exames finais, como o sistema britânico. Você senta na sala o ano inteiro e um dia, no final do ano, você regurgita tudo o que aprendeu, e é assim que termina. Nada de monografias, nem apresentações. A única exceção era a minha aula de literatura, que era mais voltada para as discussões e tinha menos alunos.

Quando cheguei aqui, a diferença é que você é incentivado a dar sua opinião, a levantar a mão durante a aula e discordar. Dizer: “Minha visão de mundo é diferente.” Assim, todos aprendemos, e é isso que é bonito nas salas de aula americanas.



Cortesia: Gayatri Murthy

Proveniente do clima quente da Costa Oeste da Índia, Gayatri Murthy (à esquerda) se aconchega às amigas Shanti Shoji (acima) e Maria Fiorio (à direita) num dia de neve em dezembro na Universidade Americana

José: Concordo. Estudei na Guatemala, e era muito parecido com a descrição de Gayatri. As discussões não eram realmente incentivadas, e às vezes os professores costumavam demonstrar que tinham autoridade; discutir com eles era um risco. Em minha opinião essa foi a principal diferença. Eu realmente adorei a maneira como tivemos discussões com vários pontos de vista no curso de Desenvolvimento Internacional.

P: Para você pessoalmente, foi difícil se adaptar a essa postura diferente nas aulas?

José: O primeiro semestre foi difícil. Eu sabia um pouco de inglês, mas tínhamos de ler centenas e centenas de páginas em inglês, e eu não tinha rapidez para toda aquela leitura. E não entendia a dinâmica de expressar uma opinião totalmente contrária para um colega ou para o professor, como dizer: “Desculpe, eu não concordo com isso.” De forma que foi um processo para me acostumar a isso.

Stephanie: Foi de fato difícil no começo me acostumar com simplesmente intervir. Às vezes sentia que as pessoas só estavam intervindo [na discussão] para tentar mostrar que eram inteligentes. Era aí que eu tinha problemas. Qual é a linha entre respeitar o professor e expressar seus próprios pontos de vista? Algumas vezes sinto que atravessam essa linha. Mesmo agora, estou no último ano, e ainda acho difícil entrar no meio da discussão assim.

Gihæ: Concordo totalmente. Achava que alguns alunos eram realmente rudes com o professor. Pensava que o professor estava aqui para ser mais um facilitador do que um instrutor, sem agir com muita autoridade.

Quando cheguei para o primeiro semestre, tinha muita coisa para ler. Tive medo que o meu entendimento das leituras pudesse estar errado, portanto, parei de falar durante as aulas. Perdi um pouco da autoconfiança. Isso fez com que os colegas e alguns professores pensassem que eu não tivesse feito a leitura ou que não tivesse nenhuma ideia ou opinião sobre os temas tratados. E essa não era a cultura na qual fui criada. Nós tínhamos de ouvir, e não falar, na sala de aula. Portanto, o primeiro semestre foi realmente difícil.

Q: Com o tempo você passou a participar mais das discussões em classe?

Gihac: Ainda fico quieta. Mas comecei a falar com os professores que, se eles me dessem tempo para falar, em vez de eu me apresentar e intervir, poderia responder as perguntas. A cada início de semestre, pedia isso aos professores. Eles entenderam que minha cultura era diferente, e quando me era dada a oportunidade eu estava preparada.

P: Entender a língua na sala de aula é uma coisa, mas entender os estudantes americanos e como eles falam e interagem pode ter exigido ainda mais adaptação da sua parte. Você achou difícil a comunicação informal entre seus colegas?

Gayatri: Cresci tendo o inglês como minha primeira língua, portanto, isso foi uma vantagem imediata. Esse choque cultural não existiu. Venho de uma cidade grande, Bombaim [Mumbai], de forma que, vindo de uma cidade de 20 milhões de pessoas, minha ideia de espaço é muito diferente. Não estamos acostumados com isso. O espaço privado não existe.

O espaço é uma coisa importante [problema entre pessoas] e até influencia a definição de amizade e suas fronteiras, o que se pode esperar ou não de um amigo. Inicialmente, minha reação instintiva era: “Sinto saudades de casa. Não posso ligar para meus amigos às duas da manhã para pedir alguma coisa.” Ficava triste e comparava e contrastava os dois lugares distintos. No fim, você chega a um ponto em que vê as duas culturas pelo o que elas são. Você começa a ver as duas sociedades tanto como uma estranha quanto como um de seus membros. Aqui, eu me tornei uma falante de indiano. Vou para casa e sou a garota que veio dos Estados Unidos e que pode nos contar como eles realmente são.

P: Isso significa que você passou da fase de comparar e contrastar e vê as circunstâncias e as culturas pelo o que elas são?

Gayatri: Sim. São sistemas de existência diferentes. Assim como as regras de trânsito são diferentes nos

Estados Unidos e na Índia. Este é o sistema, foi assim que ele evoluiu, e você o vê pelo o que ele é. Mas tem uma desvantagem, porque você se torna uma estranha em todos os lugares, como se estivesse dividida entre dois mundos. Aprendi esta expressão em uma aula intercultural: intermediador cultural. Com sorte você se tornará um intermediador entre culturas.

P: Vamos fazer esta pergunta a todos da mesa. Qual foi a sua adaptação cultural mais difícil?

Akhmet: Sou uma pessoa muito aberta, gosto de enfrentar novos desafios. Antes de vir para os Estados Unidos, estive na Coreia do Sul para um intercâmbio. Passei pelo processo de adaptação à cultura coreana. Depois dessa experiência internacional estava preparado para alguns dos desafios nos EUA, por exemplo, o desafio que surge dos estilos diferentes de comunicação. Percebi que os estudantes americanos são muito abertos para falar de qualquer assunto. No entanto, não me sentia à vontade para conversar com eles sobre religião, porque raramente discutia sobre isso com meus colegas no Cazaquistão. Mas sendo uma pessoa aberta, que tenta entender o ponto de vista dos estudantes americanos e faz muitas perguntas, adaptei-me facilmente a esses tipos de conversa.

Outro tipo de adaptação cultural foi o de me acostumar com o relacionamento professor-aluno. Os professores aqui querem a sua contribuição e participação ativa na classe o tempo todo. Eles estimulam os alunos a participar das discussões em classe. No Cazaquistão, mesmo que os professores queiram essa participação, não falam isso explicitamente. Nos Estados Unidos, é preciso expressar claramente a sua opinião, caso contrário a outra pessoa terá dificuldade em entender você. Por exemplo, algumas vezes eu não dava os detalhes de alguma coisa porque me parecia óbvio demais. Achava que o amigo com quem conversava entenderia. Mas depois ele dizia: “Por que você não me disse? Eu não sabia o que você estava pensando.” Então, eu me tornei uma pessoa mais explícita, muito mais do que seria no Cazaquistão.

Stephanie: Fazer amigos foi muito difícil. Eu achava que podia fazer amizade com qualquer pessoa, que seria fácil conversar sobre qualquer coisa. Mas depois de um tempo aqui, descobri que as coisas que eu acho engraçadas, os outros não acham. Coisas sobre as quais eu poderia conversar durante horas a fio, as pessoas que conheci aqui falavam: “Sobre o que você está falando?”

Ter um bom relacionamento com as pessoas foi tudo bem, mas criar laços verdadeiros com elas e se sentir como: “Você me vê. Você sabe o que eu quero dizer”, isso foi muito difícil. Quando você chega nesse estado, é muito fácil apenas ficar com seus amigos africanos porque

Uma Família de Estudantes Internacionais

Mangala P.B. Yapa

Quando mandou sua filha Shanika para a Universidade Americana, Mangala Yapa sabia que ela estava apenas a um telefonema do Sri Lanka — distância menor da que o separava de casa quando estudou no exterior 30 anos atrás. Yapa é executivo do ramo de transportes em Colombo, no Sri Lanka.

Pode-se dizer que o caminho que levou minha filha Shanika a tornar-se estudante de intercâmbio começou com a minha jornada semelhante nos anos 1970.

Fui para o Canadá aos 17 anos, onde fiquei por três meses no programa de intercâmbio para jovens World Youth do Canadá. Estive lá por um curto período, mas gostei muito da experiência e do contato com a América do Norte.

Voltei ao Sri Lanka e tentei continuar meus estudos universitários. Naquela época, os jovens do Sri Lanka não tinham as opções que têm hoje. Você não podia decidir exatamente onde fazer a universidade. A oportunidade que tive foi na Rússia. Pode-se perguntar, por que a Rússia? Bem, foi essa a oportunidade que tive e felizmente era uma bolsa de estudos totalmente gratuita. Se tivessem de pagar, meus pais não teriam como arcar com nenhum custo de universidade no exterior.

Então, cursei a universidade na Rússia, e isso me proporcionou uma forma completamente diferente de exposição na vida. Era, naturalmente, a época da Guerra Fria, e como tinha estado na América do Norte e depois na Rússia, comecei a entender o mundo de uma forma mais abrangente e diferente do que teria entendido se não fosse essa experiência. Eu havia visto os dois lados.

Enquanto estive na Rússia, viajei muito. Na verdade, durante o período final dos meus estudos naquele país, minha esposa, naquela época minha namorada, estava no Reino Unido para cursar universidade e ter experiência profissional. Ela é médica agora, e naqueles dias costumávamos nos encontrar no Reino Unido ou em qualquer outro país da Europa. Graças a essas viagens e experiências, tínhamos uma visão mais aberta sobre muitas coisas. Tínhamos um bom conhecimento do que estava ocorrendo no mundo.

Quando Shanika disse que queria realmente estudar fora do Sri Lanka, tanto eu quanto minha esposa a encorajamos com base nas nossas próprias experiências. Ficamos felizes em mandá-la para estudar no exterior e ter contato com novas culturas. Naturalmente, foi uma grande decisão de família, mas não ficamos apreensivos.

O mundo de hoje é completamente diferente de quando éramos estudantes internacionais. Na idade dela, eu



Cortesia: Mangala Yapa

Mangala Yapa (no centro) e sua esposa Chandrika (à direita) estudaram no exterior. A filha mais nova, Malika (à esquerda), seguirá os passos da irmã e cursará faculdade nos Estados Unidos

sentia saudades de minha família quando estava fora, no Canadá e na Rússia. As comunicações eram muito precárias; não havia e-mail e nem comunicações telefônicas. Só nos restavam as cartas, e elas levavam semanas e semanas para chegar, então, era difícil. Porém, hoje as comunicações são muito mais fáceis. Você pode conversar ao telefone. Pode-se até ver um ao outro em videoconferência. Se minha filha precisar de mim, ela pode telefonar, mandar mensagem de texto, mandar e-mail. Há muitas formas. Se houver uma emergência, ela pode embarcar rapidamente num avião para voltar ao Sri Lanka. Naquela época, não se conseguia transferir dinheiro tão rapidamente, nem comprar uma passagem com tanta facilidade. Não dava para fazer isso. Havia muitos problemas. Mesmo quando havia comunicações disponíveis, não eram acessíveis a todos com tanta praticidade. Mas agora a globalização elevou o mundo todo a um outro nível, o que é fantasticamente bom, porque torna a vida mais fácil para todos.

E quando começar a trabalhar, talvez minha filha descubra que um mundo totalmente novo começa a surgir. Globalização e cidadãos do mundo — essas são as coisas do futuro. Os Estados Unidos da América são um ótimo lugar para se estar nestes tempos de desenvolvimento, e ela estará mais bem preparada e mais envolvida com a mudança que virá no âmbito global. Mudança é o tema do presidente Obama, então, por que não fazer parte disso?

Por isso, estou muito satisfeito pela oportunidade que Shanika teve de estar lá nestes tempos de mudanças nos Estados Unidos. Incentivei minha segunda filha a encaminhar sua educação de forma semelhante, e agora ela vai estudar *design* e arquitetura no Instituto Pratt em Nova York neste quarto semestre. ■



Cortesia: Gihae Song

“Gosto que elas escutem a minha opinião e eu quero ouvir a delas”, diz Gihae Song, que incentiva os alunos de intercâmbio a se concentrarem no conhecimento do idioma

eles entendem o que você está falando. Portanto, foi mais fácil fazer amizade com pessoas de outros países do que com os americanos.

Shanika: Estava tentando pensar em alguma coisa que tivesse realmente me chocado, mas não consegui pensar em nada. Na verdade me surpreendi com as semelhanças de pensamentos e opiniões e a maneira como me senti à vontade com os estudantes americanos. Não que eu esperasse ficar desconfortável com eles, mas não esperava um nível de conforto em que eu pudesse passear com uma amiga e nós duas começarmos a rir ao mesmo tempo porque vimos algo engraçado na rua.

Acho que tive sorte de encontrar um grupo de pessoas com opiniões e visão de mundo muito semelhantes às minhas. Fiz uma amiga no meu primeiro ano do curso. Fiquei realmente surpresa com o fato de termos crescido em extremos opostos do planeta e termos opiniões tão parecidas que às vezes chegava a ser assustador. E tenho mais de uma amiga com essa ligação forte.

Gihae: A Coreia do Sul é muito ocidentalizada, por isso não tive nenhum “choque”. Minha dificuldade é com a língua. Sempre que estou conversando informalmente com uma pessoa, não quero que ela pense que sou diferente, que sou estrangeira. Gosto que elas escutem a minha opinião, e eu quero ouvir a delas. Então sempre que não entendo alguma coisa que elas dizem, apenas sorrio. Não quero aborrecê-las com perguntas sobre a língua. Acho que é esse o meu problema. Portanto, a língua é a minha maior dificuldade. Tentei trocar mensagens de texto com um amigo americano, mas eu não conseguia entender nada. Estou realmente tentando me acostumar com esse aspecto da cultura.

José: Acho que a maneira como as pessoas são amigáveis aqui não é a mesma a que estou acostumado na América Latina. Isso é importante quando você está começando a se relacionar com outras pessoas. Em geral, quando se avança alguns graus de latitude para o norte, não se encontram pessoas tão afáveis quanto no sul. Na verdade eu não gosto muito disso.

Outra coisa que me aborrece, e que provavelmente está se tornando uma tendência mundial, é que aqui você é convidado a gastar, a consumir. Às vezes acho isso difícil de aceitar. Eu me lembro da primeira vez que fui à seção de produtos para animais de estimação de uma grande loja e mal pude acreditar na quantidade de produtos. (Risos.)

P: Eles tinham roupinhas de todos os estilos para cachorro, guias em seis cores, chapéus para cachorros...?

José: Sim, sim, eu não acreditava. Mas isso já está se tornando uma coisa mundial.

Shanika: Creio que estava aqui há uma semana quando alguém me levou para fazer compras no supermercado. Eu queria comprar cereais. Vou para a ala de cereais, olho, e tem mais tipos de cereais do que os meus olhos podem ver. Sempre comi o mesmo tipo de cereal. Nunca experimentei outro diferente. Há opções demais.

José: E tem o Starbucks. Quão complicado pode ser pedir um café? Escolher entre 4 níveis de cafeína, 24 variedades, 8 tipos de açúcar. Mas a questão é que o Starbucks está no mundo todo, não só aqui. Eu estava em El Salvador e fui a um shopping center que oferecia a mesma coisa. Eles se tornaram um desses “lugares globais”, lugares que são iguais em todos os países. Não sei até que ponto você chamaria esse consumismo de choque cultural, ou se é alguma coisa que todos temos de enfrentar como cidadãos do mundo?

P: As pessoas nos Estados Unidos têm questionado o consumismo extremado que ocorreu aqui nos últimos meses ao mesmo tempo que a economia entrou em declínio tão drasticamente. Muitas pessoas estão reavaliando seus gastos e hábitos de compra. Qual é a percepção de vocês sobre o desenrolar dessa autoavaliação em 2009?

José: Isso depende do quão rico você é nos Estados Unidos. Eu moro em Petworth, bairro de [Washington] DC, que é um bairro de classe baixa e média. Lá as pessoas não gastam muito porque não têm muito para gastar. Este declínio econômico faz com que elas pensem duas vezes, mas não vi muitas mudanças. Mas vi no

noticiário como as pessoas continuam gastando, e tem sido interessante observar. Como tenho um empréstimo grande, não gasto muito.

P: Fiz a pergunta no contexto do consumismo americano, mas o declínio econômico tem sido global, tornando todos nós conscientes da natureza inter-relacionada dos mercados atualmente. Isso faz com que vocês fiquem mais conscientes da sua situação como cidadãos do mundo?

Akhmet: Sim. Os estudantes estrangeiros precisam entender como os eventos econômicos afetam várias regiões do mundo e a sua carreira no futuro. É preciso entender a arena internacional. Este declínio econômico global é uma lição para todos sobre manter o mundo unido e apresentar soluções que ajudarão a evitar ocorrências semelhantes no futuro.

Stephanie: Definitivamente leva você a pensar. Se estou comprando um livro ou um par de sapatos, isso faz com que você pense não somente como uma pessoa que quer algo, mas sobre como você está contribuindo para o PIB [produto interno bruto] dos Estados Unidos. Se eu contribuir com o PIB dos Estados Unidos, talvez os Estados Unidos importem mais produtos da África. Você reconhece que se alguma coisa está dando errado em um país, definitivamente ocorre um efeito cascata. Começo a pensar em como as minhas ações vão afetar alguém no meu país. Faz com que eu comece a pensar sobre onde comprar alguma coisa e o que comprar.

E, nos Estados Unidos, as pessoas estão começando a pensar: “Será que eu preciso mesmo de tudo isso?” Será necessário gastar mais do que posso? Conheço pessoas que têm mais de 20 pares de jeans. Eu me pergunto: “Para que você precisa de 20 pares de jeans?” Quando você chega de outro país e vê que as pessoas têm tantas coisas nos Estados Unidos, você pergunta por que isso é preciso? Depois de estar aqui algum tempo, você pensa: “Provavelmente eu preciso de mais uns pares de jeans.” (Risos.)

Portanto, como disse Gayatri, você é uma pessoa de fora e acha que algumas coisas precisam ser mudadas. Isto foi um despertar abrupto para todos, fazer com que as pessoas pensem um pouco mais antes de gastar.

Q: A expressão “intermediador cultural” foi usada. Como vocês se veem nesse papel?

Gihae: Estou pensando em voltar para a Coreia do Sul no final. Quando voltar, pretendo dar aulas na universidade e penso definitivamente que ensinarei da maneira como me ensinaram nos Estados Unidos, em vez de dar aulas à maneira coreana. Sonho em ser uma professora como os

professores daqui, facilitando debates em vez de ensinar tudo que sei. Desse modo, não serei apenas uma pessoa que obteve um título acadêmico aqui e voltou para lecionar, mas serei a pessoa de ligação que também ensina cultura na Coreia.

Shanika: Ainda não tenho ideia do que poderei fazer. Concordo com a Gayatri que, depois de estar aqui algum tempo, parte de você está à vontade aqui e parte de você se sente à vontade no país onde cresceu. Mas em nenhum dos lugares você se sente totalmente em casa.

Gayatri: É esquizofrênico. Às vezes você não sabe mais quem você é. Para mim, quando estou aqui, as pessoas obviamente acham que meu sotaque é indiano. E é. Mas volto para Bombaim [Mumbai], e os meus amigos dizem que meu sotaque está americanizado. É o sentimento mais esquisito. Você não sabe mais quem você é. Aqui, você é obviamente uma estudante estrangeira. Quando você volta, como poderia não estar mudada? É um papel no qual não me sinto à vontade, mas chegarei lá.

Shanika: Se eu voltasse nos próximos dois anos e meio, acho que minha experiência iria me afetar como pessoa, mas não acho que afetaria o Sri Lanka. Eu não faria o que a Gihae quer fazer, influenciar os outros com a minha experiência.

Gayatri: Quero dizer mais uma coisa. Não acho que essa seja uma experiência sempre depressiva.

Q: Você quer dizer esquizofrênica no bom sentido? (Risos.)

Gayatri: Sim, no bom sentido! Em Bombaim [Mumbai], eu era apenas uma das garotas, nada de especial, mas agora às vezes gosto de ser essa voz que vem de fora, às vezes gosto disso. Às vezes, odeio. Outras vezes, é entusiasmante.

Stephanie: É como se você fosse quase obrigada a ser uma embaixadora do seu país. É meio louco. Quando você está no seu país, você na verdade não liga. Você mal pensa sobre ser ganesa, mas depois você se depara aqui com uma estranha sensação de nacionalismo que você desenvolveu. Para mim, a ausência aumenta a paixão.

José: Creio que vim para cá precisamente para me entender como um elo, como um intermediador cultural. Tenho trabalhado em projetos de desenvolvimento na América Central, e as verbas para esses projetos têm vindo de grandes doadores como a União Europeia, a Ásia e os Estados Unidos. Fazer esta conexão, de que



Cortesia: Escritório de Estudantes Estrangeiros e Serviços Acadêmicos da Universidade Americana

Diplomatas da Universidade Americana estão entre os 600 mil estudantes estrangeiros que vêm para os Estados Unidos a cada ano

desenvolvimento não trata apenas de dinheiro ou política, é importante. Como posso ajudar as pessoas afetadas por esses projetos a entender a perspectiva dos doadores? Como posso mostrar aos doadores o que as pessoas nas comunidades estão pensando? Há uma grande distância entre esses dois lados que precisa ser eliminada. Para mim, isso é fundamental se quisermos alcançar as Metas de Desenvolvimento do Milênio, por exemplo.

Q: Última pergunta. Que conselho vocês dariam aos jovens que pretendem ser estudantes internacionais?

Gihae: Meu conselho é que eles precisam realmente se dedicar ao aprendizado da língua antes de virem, principalmente os que vêm de países que não têm nada em comum com o inglês. Na Coreia, temos um alfabeto totalmente diferente, assim, para ser fluente em inglês ou você passa um tempo aqui quando jovem ou precisa estudar muito em casa.

Shanika: Eu diria para virem sem nenhuma expectativa. Você precisa ter uma ideia do que vai acontecer, mas acho que muita gente vem para cá pensando: “Vai ser como aquele filme ou algum programa de TV.” Depois, eles chegam aqui, dá tudo errado, e ficam desapontados. Não pensem sobre como será, deixem que as coisas aconteçam.

Stephanie: Eu diria: preparem-se para ficar confusos. Você ficará confuso sobre o que quer fazer, sobre quem você é, se é inteligente ou não, em especial se vier para cursar a graduação. Você passou toda a sua infância em um país e torna-se adulto em outro. Apenas saibam que a maneira de vocês pensarem vai mudar. Será difícil equilibrar quem você é versus sua nacionalidade e versus o seu lugar nos Estados Unidos. Mas não tenham medo dessa confusão, porque de certa forma é uma coisa boa. No longo prazo, você se tornará um ser humano maravilhoso e aprenderá muitas coisas.

Akhmet: Meu conselho é para que tenham a mente aberta e estejam abertos para qualquer desafio. Eles precisam saber que as coisas aqui são diferentes. Não é certo nem errado, só é diferente do seu país. Eu também recomendaria senso de humor. Enfrentem todos os desafios com senso de humor. Aprendam a rir dos seus erros e dos erros dos outros. Ajuda na sua adaptação, eu acho. Além disso, muitos estudantes estrangeiros não aproveitam todos os recursos proporcionados pela universidade, como conversar com bibliotecários se você tiver dificuldade com uma pesquisa e ingressar em clubes onde você possa praticar mais seu inglês, fazer novos amigos e investir em suas habilidades de comunicação. E eles têm de saber que não estão sozinhos, há muitos estudantes estrangeiros com quem conversar. E apenas seja feliz e aproveite a vida de estudante nos Estados Unidos.

José: Estejam prontos para aprender, estejam ansiosos para aprender, porque há muitas oportunidades para aprender. Akhmet levantou um ponto importante, que esta universidade, todas as universidades, tem muitos recursos. Mas eles não estão só no campus; há muitas outras experiências à sua volta com as quais você pode aprender. Estejam preparados também para ensinar. Há um mito sobre a superioridade de algumas culturas, e é importante reafirmar a sua identidade cultural e oferecer aos outros a riqueza que ela tem. Portanto, estejam ansiosos por aprender, mas sejam suficientemente generosos para ensinar.

Gayatri: Acho que o que me ajudou foi eu ter me mantido tola e ingênua. Fui ingênua ao entrar no avião pensando que seria uma adaptação rápida, e não foi. Depois, fui ingênua ao pensar que sabia tudo, e não sabia. Mas acho que essa curiosidade de sonhadora tola me ajudou. E eu concordo com tudo que os outros disseram. Vai ser uma imensa montanha-russa, e você estará sempre aprendendo e desaprendendo, ficando confuso. No momento em que você pensar que tudo está bem e que você se adaptou, alguma bobagem acontecerá para te derrubar. Na hora que você se render à ideia de que será sempre um total estranho, um amigo lhe dará a mão e tudo ficará bem. ■

Os editores agradecem o Escritório de Estudantes Estrangeiros e Serviços Acadêmicos pela ajuda na organização desta conversa e por nos receber para realizá-la.

As opiniões expressas nesta conversa não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Seis Anos na Suécia

Charlotte West

Uma oportunidade de um ano de estudo se transforma em um capítulo de seis anos de uma vida. Charlotte West é escritora freelancer agora estabelecida em Seattle, Washington. Seu site é <http://www.curiosity.se>.

Muitas coisas vêm à mente quando se pensa na Suécia: IKEA, Volvo, bem-estar social do berço ao túmulo, *design* minimalista e loiras estonteantes. Mas talvez a Suécia seja mais bem conhecida pelos Prêmios Nobel, criados pela generosidade do químico e inventor sueco Alfred Nobel em homenagem aos que “conferiram o maior benefício à humanidade”.

A primeira vez que prestei de fato muita atenção ao Prêmio Nobel foi na minha formatura na faculdade, em Seattle, em junho de 2002, quando o discurso de patrono foi proferido por Leland Hartwell, ganhador do Prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina em 2001. Ele mencionou ter ficado no palco com o rei e a rainha da Suécia, e essa declaração atraiu minha atenção porque eu estava planejando mudar para Estocolmo dentro de alguns meses.

Mal sabia então que em dezembro estaria sentada na mesma sala de concertos em que Hartwell recebeu seu prêmio ou que quatro anos mais tarde entrevistaria dois dos laureados com o Nobel de 2006, Andrew Fire (medicina/fisiologia) e Roger Kornberg (química), para uma revista publicada pela Escola de Medicina da Universidade de Stanford, onde ambos lecionavam.

Em resumo, jamais imaginei que teria uma ligação pessoal com os Prêmios Nobel. Quando comecei a frequentar a Universidade de Estocolmo no terceiro trimestre de 2002, fiquei surpresa ao saber que muitos dos agraciados com o Nobel faziam palestras no grande auditório Aula Magna do campus — e, o que é mais importante, qualquer pessoa podia comparecer. Como brinde adicional, bolsistas da Fulbright na Suécia foram convidados a participar das cerimônias de premiação naquele dezembro, algo que muitos dos meus amigos suecos encararam com inveja.

COMO ABRIR PORTAS

Essa experiência foi apenas uma entre muitas durante minha permanência estudando, morando e trabalhando em um país estrangeiro. Quando desci do avião no Aeroporto de Arlanda, em Estocolmo, em 16 de agosto de 2002 — data que permanece estampada no meu passaporte e na



Cortesia: Charlotte West/Foto: Alexander Mittelman

Ex-bolsista Fulbright, Charlotte West gostou tanto da sua estada na Suécia que seu estudo no exterior se transformou em uma aventura de seis anos. Ela é vista aqui em 2006 em uma viagem ao norte do Círculo Ártico

minha memória — não tinha a mínima ideia de que a Suécia se tornaria meu lar pelos próximos seis anos.

Quando mudei para Estocolmo não me era estranho morar no exterior, por ter passado meu primeiro ano de faculdade em Leiden, cidade universitária distante de Amsterdã cerca de 40 minutos de trem. A Holanda se tornou minha base enquanto excursionei pela Europa durante um ano. Eu era bem inexperiente ao fazer minhas primeiras incursões pela Eurail, mas logo aprendi o valor das sandálias de dedo, dos cadeados e das lanternas... e de não colocá-los no fundo da mochila.

Quando voltei para Seattle no final do meu ano em Leiden, só conseguia pensar em como voltar para a Europa depois de me formar. A resposta veio do Departamento de Estado dos EUA, na forma de uma bolsa de estudos Fulbright. Recebi uma bolsa de estudos acadêmica e apoio para pesquisa durante um ano de estudos de pós-graduação no exterior. A beleza da Fulbright é basear-se em uma proposta de pesquisa que você mesmo desenvolve, dando aos candidatos flexibilidade na definição dos trabalhos do

curso e na seleção dos orientadores na instituição anfitriã.

Durante o primeiro ano em Estocolmo, aprendi tudo sobre o Estado de bem-estar social na Escandinávia, tema que havia inicialmente despertado meu interesse durante um curso que frequentei na Holanda. Mas, talvez ainda mais importante, estudei sueco. Os suecos falam inglês quase tão fluentemente quanto um falante nativo, e é perfeitamente possível se virar sem falar uma palavra de sueco. Para mim, porém, aprender o idioma era essencial para criar uma experiência no exterior que fosse mais do que simplesmente “virar-se”. O fato de falar sueco abriu-me diversas portas pessoais e profissionais. No nível pessoal, aprender um idioma estrangeiro (e cometer as inevitáveis gafes) é alguma coisa com a qual muitas pessoas podem se identificar. Aprender a língua foi também um bom passo na carreira; ainda agora, depois de voltar aos Estados Unidos, passo uma noite por semana traduzindo notícias suecas para o inglês, garantindo uma fonte de renda regular em uma carreira de freelancer algumas vezes incerta. A fluência no idioma local também me permitiu compreender mais completamente o que ocorria à minha volta, algo que considero ter sido essencial na minha decisão de permanecer no país. Você entende o que as pessoas dizem ao seu redor; as conversas no metrô não são mais apenas ruídos de fundo. Isso lhe dá um senso melhor de pertencer a um lugar.

TOMA LÁ, DÁ CÁ

Em algum momento no decorrer daquele primeiro ano na Suécia, comecei a me estabelecer e percebi que Estocolmo era um lugar onde eu poderia gostar de viver. A oportunidade de prolongar meu tempo no exterior deveu-se em parte à oportunidade de continuar a trabalhar na universidade como assistente de pesquisa, mas foi mais do que isso. Comecei a ver a Suécia com olhos diferentes enquanto fazia a transição de turista para visitante e depois para residente na cidade que havia se tornado meu lar.

Ao mesmo tempo, porém, como estrangeiro, você sempre vai ficar de algum modo do lado de fora olhando para dentro. Aprendi a língua e fiz de tudo para entender os costumes e a cultura, mas também aprendi que o modo



Charlotte encontrou no exterior cultura e costumes novos e diferentes, como uma caminhada em um lago congelado

Cortesia: Charlotte West/Foto: Alexander Miteiman

como eu percebia o que via era reflexo de minha própria cultura americana. Alguns costumes exigiram que eu me adaptasse, outras coisas se tornaram menos importantes com o tempo e algumas poucas coisas considerei apenas idiosincrasias suecas, como seu gosto pelo alcaçuz salgado e pelo *surströmming*, um arenque fermentado considerado por alguns uma iguaria.

Tirando os hábitos culinários diferentes, talvez o fato de ser de outro lugar lhe dê o melhor dos dois mundos. Viver no exterior é um toma lá, dá cá — você leva com você um pouco da sua experiência e deixa parte de você lá. Aprendi a apreciar almôndegas e molho de mirtilo vermelho (graças a Deus, à venda na IKEA em Seattle!), mas também ensinei a meus amigos suecos as delícias de uma refeição americana do Dia de Ação de Graças, completa com peru assado e torta de abóbora.

Retornei aos Estados Unidos há apenas alguns meses e ainda estou processando as implicações da minha volta ao lar. Não tenho certeza se Alfred Nobel poderia ter compreendido nosso mundo atual, em que a tecnologia permite trabalhar de qualquer lugar com uma conexão pela internet, mas creio que ele estava certo em muitos níveis ao dizer: “Lar é onde trabalho, e trabalho em qualquer lugar.”

Estudar, morar e trabalhar em outro país nos últimos seis anos certamente expandiu minha noção de “lar”. Não importa onde eu esteja, a terra que tem IKEA, Volvo, bem-estar social do berço ao túmulo, *design* minimalista e Prêmios Nobel terá sempre um pouco de cara de lar. ■

Aqui Estou, uma Jovem Árvore

Najwa Nasr

Najwa Nasr chegou aos Estados Unidos vinda do Líbano em 1981, acreditando que estava vindo sozinha para um país estranho a fim de conseguir um diploma de pós-graduação em sua área de escolha, a linguística. Com o passar dos anos, descobriu que não estava construindo sua própria ponte para este novo país e sim atravessando aquela erguida por compatriotas em gerações passadas. A professora Najwa ensina atualmente Linguística de Língua Inglesa na Universidade Libanesa. Obteve PhD da Universidade de Georgetown em Washington, DC, nesse campo.

A experiência em intercâmbio internacional que mudou minha vida de maneira tão profunda veio depois que terminei meus estudos em 1986. Voltei à Universidade de Georgetown em 1991 para três meses de pesquisa em língua e cultura graças a uma bolsa de estudos Fulbright sênior que me foi concedida por intermédio do Conselho de Intercâmbio Internacional de Acadêmicos (CIES). Durante esse período, descobri a Coleção Árabe-Americana Naff, que preserva o patrimônio dos primeiros imigrantes árabes, em especial libaneses, a chegar aos Estados Unidos.

Sediada no Museu Nacional de História Americana do Instituto Smithsonian em Washington, a coleção foi doada ao museu por Alixa Naff em 1984 para honrar seus pais e sua geração de imigrantes. Alixa Naff, autora de *Becoming American: The Early Arab Immigrant Experience* [*Tornando-se Americano: A Experiência Inicial dos Imigrantes Árabes*], proporcionou-me uma pormenorizada e entusiástica turnê pelos arquivos abrigando fotos pessoais, recordações e artefatos doados à coleção.

Eu já havia visitado muitos museus, mas entrar em um arquivo de museu exige uma série de rituais. Tive de assinar meu nome e registrar a hora de chegada. Recebi um crachá de identificação e comeci a descida para o arquivo, só para me deparar com outro ritual de entrada, entregando a bolsa e passando pela checagem de segurança.

Alixa Naff começou minha turnê apontando para as diferentes caixas em uma série de estantes com prateleiras formando um labirinto complexo! Ela retirou uma caixa e a levou até uma mesa. Usando luvas brancas, começou a examinar cuidadosamente o conteúdo, mostrando-me fotos, documentos impressos e cartas pessoais escritas à mão. Falou-me de como havia visitado essas pessoas em todas as partes dos Estados Unidos, colecionando itens de valor histórico



Cortesia: Najwa Nasr

Najwa Nasr descobriu uma história pouco conhecida sobre a imigração libanesa quando visitou os Estados Unidos em um programa de intercâmbio de pesquisa

entregues com prazer por todos aqueles desejosos de limpar seus sótãos. Foi ainda muito gentil ao me ajudar a adquirir cópias de amostras de algumas fotos bem como fotocópias de documentos.

Voltei para casa com o sentimento de que essa coleção deveria ser mais acessível ao público do Líbano. É nossa herança escondida em

caixas no subsolo, de acesso apenas para aqueles que sabem onde procurar. Algo precisava ser feito, razão pela qual decidi apresentar uma proposta ao ministro da Cultura do Líbano. Foi difícil marcar uma hora, mas finalmente consegui uma audiência com Sua Excelência. Mostrei a ele as cópias de amostras e as anotações que havia feito. Expliquei fervorosamente a importância da coleção e como seria importante compartilhar com o povo libanês essa história da imigração. Ele se convenceu, mas não havia recursos para financiar minha viagem. Cheguei a um meio-termo: “Pague minha passagem e eu cuidarei das outras despesas.”

A VOZ DOS IMIGRANTES

Alguns meses depois, voltei a Washington para visitar a Coleção Naff mais uma vez. Durante dez dias, percorri os arquivos com insaciável ansiedade, ficando por lá da hora de abrir até fechar. Com uma admiração reverente, segurei em minhas mãos fotografias de pessoas de todas as idades e suas cartas pessoais. Os primeiros imigrantes falaram comigo por intermédio de gravações em fita. Meu coração deu pulos ao ouvir aquelas vozes trêmulas do início do século 20. Lágrimas afloraram diante de fotos de pessoas em diferentes fases da vida.

Uma menina em seu vestido de Domingo de Ramos posando em pé ao lado de uma vela maior do que ela.



Quatro filhos de imigrantes árabes-americanos são vistos em fotografia do início do século 20. Em pé, atrás, está Edouard, e da esquerda para a direita estão Margaret, Roosevelt e Theodora

Um cartão postal de foto tinha números desenhados à mão sobre cada pessoa retratada e, na parte de trás, os números correspondiam aos nomes das pessoas — Theodora, uma menina, e Roosevelt, um menino, ambos recebendo, evidentemente, o nome de um presidente americano popular na época.

Esses jovens homens e mulheres, mortos há décadas, acreditavam que os Estados Unidos eram o país de

oportunidades, liberdade e igualdade para todos. Eram em sua maioria mascates, trabalho que não exigia experiência, capital e conhecimento avançado da língua. O contato diário com cidadãos americanos ampliou o conhecimento dos imigrantes sobre o seu novo ambiente e facilitou o processo de assimilação.

Os relatos de suas experiências na estrada retratam o sofrimento ante o calor abrasador e o frio cortante. Suas roupas ficavam ensopadas e em frangalhos; passavam fome e eram batidos pelo cansaço. Passavam noites ao ar livre, na grama molhada, agarrados em galhos de árvore ou em celeiros; eram atacados por ladrões e bandidos e perseguidos por animais selvagens.

No entanto, as histórias que nos deixaram mostram que sobreviveram e prosperaram. Bashara Forzley, jovem imigrante que veio para os Estados Unidos sem mãe e pai, escreveu uma autobiografia descrevendo em detalhes a ascensão da condição de mascate para a de grande homem de negócios.

Li o discurso feito por Khalil Gibran a esses jovens imigrantes durante os anos 1920. Suas palavras sempre serão uma orientação valiosa para imigrantes que oscilam entre os pólos da identidade nacional e de sua nova cidadania:



Um jovem menino árabe-americano trabalhava como mascate em uma onda de imigração para os Estados Unidos há um século

... *Acredito em vocês e acredito em seu destino. Acredito que contribuem para esta nova civilização. Acredito que podem dizer aos fundadores desta grande nação: "Aqui estou, um jovem, uma jovem árvore, cujas raízes foram arrancadas das colinas do Líbano; no entanto, estou profundamente enraizado aqui e serei fecundo."*

UMA HISTÓRIA EM DESENVOLVIMENTO

De volta em casa, com cópias de amostras de fotos e documentos, minha reunião com Sua Excelência o ministro Michel Eddé foi uma celebração da minha redescoberta desse patrimônio pouco conhecido do meu povo. Em 1996, com o apoio do ministério, supervisionei a primeira exposição de fotos dos primeiros libaneses que imigraram para os Estados Unidos, intitulada *A Journey of Survival* [Uma Jornada de Sobrevivência]. Centenas de pessoas visitaram a exposição no centro de Beirute e se aglomeraram em volta das fotos e dos documentos. Alguém gritou de alegria ao descobrir a foto do avô.

Os efeitos do evento continuam a aparecer. *A Journey of Survival* está na internet (<http://www.salzburgseminar.org/ASC/csac/progs/ASC22/nasr/nasr.htm>). As pessoas entram em contato comigo em busca de seus ancestrais ou procurando orientação sobre pesquisa relacionada. Dou palestras com slides sobre os primeiros imigrantes libaneses a chegar aos Estados Unidos. Meu grande objetivo de criar um museu da imigração em Beirute ainda não foi alcançado, mas não desisti.

Minha experiência em intercâmbio internacional começou na Universidade de Georgetown há mais de 20 anos, mas acabou produzindo mais capítulos do que eu poderia imaginar. Atualmente, ainda crescendo com a experiência, descubro que as

raízes se aprofundam ainda mais e os galhos crescem mais alto com folhagem saudável e frutos vigorosos. ■

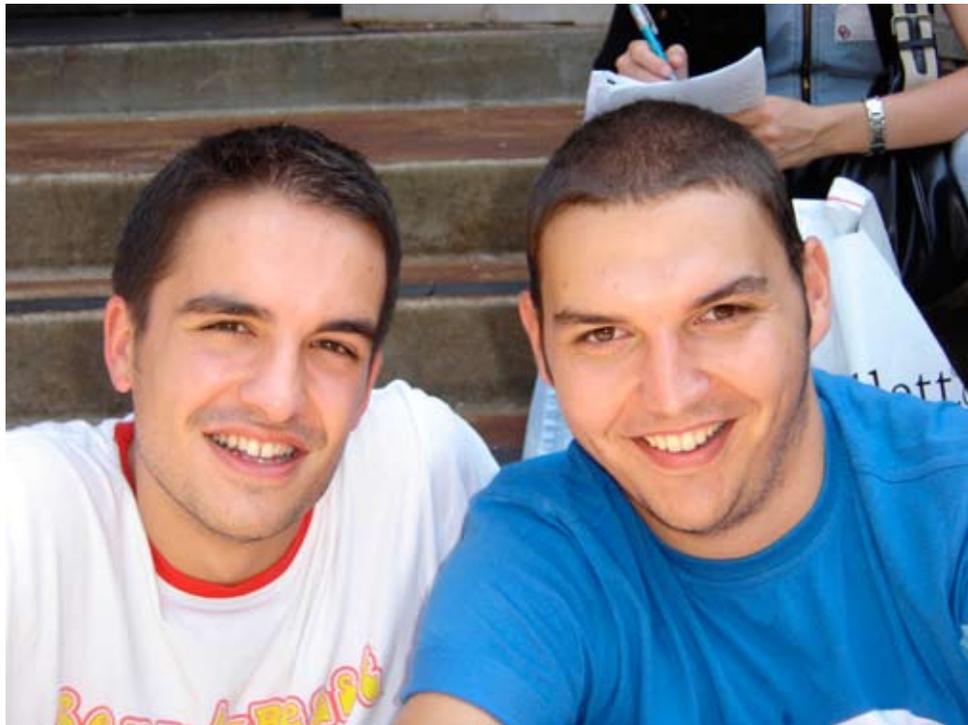
O poema de Khalil Gibran foi escrito para a primeira edição da revista The Syrian World publicada no Brooklyn, em Nova York, no ano de 1926.

Ambas as fotos desta página são cortesia da Coleção Árabe-Americana Faris e Yamna Naff, Arquivo Central, Museu Nacional de História Americana, Instituto Smithsonian.

A Esperança e a Amizade Prevalecem

Romain Vezirian

Um estudante universitário francês de ascendência armênia chega à Universidade de Oklahoma e descobre que vai dividir um quarto com outro estudante, um representante da tradicional nêmesis do seu povo. O modo como ele lida com o momento muda sua vida. Romain Vezirian tem 26 anos e é gerente de informações de uma agência de comunicação em Paris. Ele passou um semestre na Universidade de Oklahoma em 2005 e se formou na Universidade Blaise Pascal de Clermont-Ferrand em 2007.



Cortesia: Romain Vezirian

Issso não pode estar acontecendo. Isso simplesmente *não* pode estar acontecendo!

Esse praticamente foi meu primeiro pensamento quando cheguei em meu novo apartamento no campus da Universidade de Oklahoma, bem diferente do que eu havia imaginado. Afinal, eu havia sido aceito por um semestre e o simples fato de estar no campus era um sonho que se tornava realidade para o jovem estudante francês que eu era. Tudo era maior, as garotas eram mais bonitas, as pessoas eram mais amigáveis. Resumindo, estava de muito bom humor quando entrei pela porta do meu novo apartamento.

Isso mudou rápido.

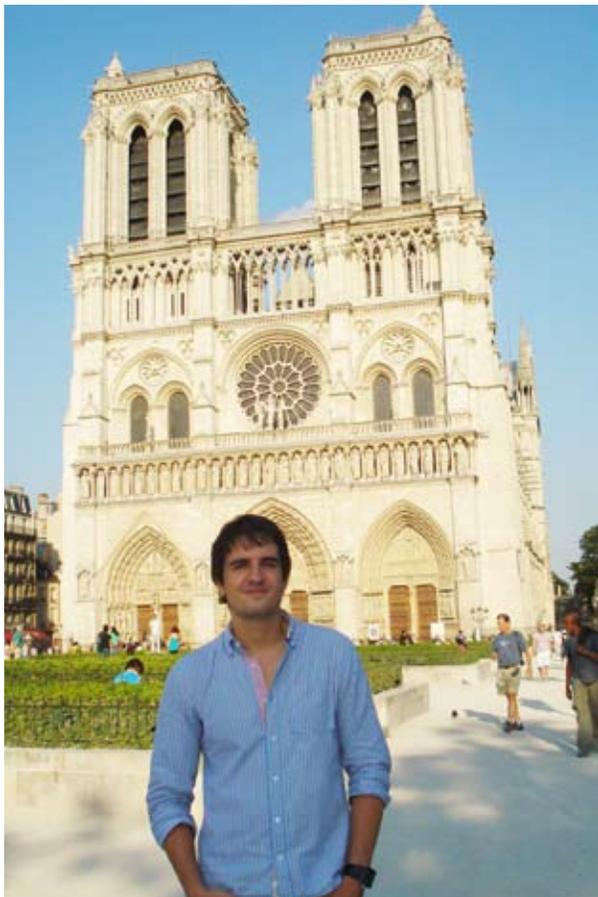
Eu havia concordado, principalmente para economizar dinheiro, em dividir um quarto com outro estudante estrangeiro sobre o qual eu nada sabia. Eu sabia que ele havia chegado um dia antes, mas o apartamento estava vazio quando entrei. Comecei a desfazer as malas e notei que meu colega de quarto deixara seu passaporte sobre a mesa.

“Uma rápida olhada, só para ver como ele é”, pensei. Em seguida, o passaporte estava em minhas mãos, e o que eu vi não me agradou em nada. O meu colega de quarto para o semestre era turco. Nada de mais para muitos. Mas sendo meio armênio, fazia muita diferença para mim.

Apesar da hostilidade histórica entre armênios e turcos, Romain (à esquerda) “se deu bem instantaneamente” com seu colega de quarto e novo melhor amigo, Goko, quando se conheceram como estudantes de intercâmbio

A história entre a Turquia e a Armênia é feita de uma série de eventos terríveis. A grande maioria dos historiadores ocidentais reconheceu que os massacres ocorridos entre 1915 e 1917 foram assassinatos em massa financiados pelo estado, mais conhecidos como o genocídio armênio. A diáspora armênia tem feito campanha para que os eventos sejam oficialmente reconhecidos como genocídio há mais de 30 anos. Em 1915, as autoridades otomanas prenderam cerca de 250 intelectuais e líderes comunitários armênios em Constantinopla. Depois disso, os militares otomanos expulsaram os armênios de suas casas e lançaram uma campanha de marchas e deportações forçadas que terminaram com cerca de 1 milhão a 1,5 milhão de mortes.

Até hoje, a Turquia não aceita essa recontagem dos fatos, ainda que a maior parte dos estudiosos e historiadores do genocídio concorde com essa visão. Esses mesmos fatos forçaram meus avós a deixar seu país. Meus dois bisavós foram mortos.



Romain atualmente trabalha no setor de comunicações em Paris

SUPERANDO ESTEREÓTIPOS

Com esse histórico familiar, eu definitivamente tinha ressentimento com relação ao país inteiro, mas tendo crescido na França, nunca tive realmente a chance de conhecer um turco. Agora, estava prestes a dividir meu próprio quarto com um por todo um semestre! Obviamente, fiquei abalado, mas o que podia fazer? Ignorá-lo escancaradamente? Recusar-me a falar com ele? Guardar rancor definitivamente arruinaria meu plano de passar um semestre divertido nos Estados Unidos. Decidi dar uma chance a ele (seu nome era Goko) e ver aonde isso nos levaria. Em retrospectiva, essa foi uma das melhores decisões que já tomei.

Acredito que superar estereótipos é uma das coisas mais difíceis na vida. Mas foi o que aconteceu nos primeiros dez minutos de conversa com Goko. Contra todas as probabilidades, nós nos demos bem instantaneamente, e todas as ideias ruins que eu tinha sobre a Turquia e os turcos foram destruídas. Lembro desses momentos de modo tão vívido, provavelmente porque foram meus primeiros passos em direção ao perdão. No início, eu não falava muito, não queria

baixar a guarda, mas rapidamente me dei conta de que era inútil lutar contra boas vibrações e o início de uma amizade. O sentimento ainda era agridoce porque eu não conseguia deixar de me perguntar: “O que meus avós pensariam se pudessem me ver agora?” Até perceber que Goko era apenas um jovem estudante como eu, desfrutando a vida, e estava mais do que satisfeito em falar sobre nossos muitos interesses comuns.

E, obviamente, ele não era responsável por aquilo que gerações anteriores haviam feito antes dele. Soa quase como um filme de má qualidade, mas nos tornamos melhores amigos e passávamos quase todo o nosso tempo livre juntos. Na verdade, não consigo imaginar como meu semestre na Universidade de Oklahoma teria sido sem ele.

MEMÓRIAS PRECIOSAS

Quando olho para o passado, lembro dos ótimos professores, das instalações incríveis, dos amigos americanos que fiz, mas o que mais prezo é o meu relacionamento com Goko e o quanto isso me mudou como pessoa. Entendo muito bem agora que a ignorância causa guerras e massacres, como os ocorridos em 1915. Quando as pessoas se unem e tentam entender a cultura e as visões do outro, a esperança e a amizade logo prevalecem.

Até me tornei amigo de outros turcos que me foram apresentados por Goko! Se tivesse ficado na França, isso nunca teria acontecido. Se alguém tivesse dito que eu faria amizade com um turco, eu jamais teria acreditado. Eu simplesmente teria ficado com minhas ideias estúpidas para o resto da vida. Essa foi apenas uma das boas experiências que tive na Universidade de Oklahoma, mas só ela já valeu toda a viagem. Isso permitiu que eu me tornasse uma pessoa de mente mais aberta, disposta a sair da minha zona de conforto e conhecer pessoas diferentes. Aprendi que não existe um único modo certo de viver e fazer as coisas, existem muitos. É isso que faz com que nosso mundo seja tão diverso e valha a pena descobri-lo.

Deixei a Universidade de Oklahoma um pouco antes do Natal. Mesmo que Goko, sendo muçulmano, não comemore o Natal, queria lhe dar um presente e achei uma camiseta que ele poderia gostar. O engraçado é que ele teve a mesma ideia e comprou exatamente o mesmo presente para mim! Ficamos parecendo dois idiotas vestindo as mesmas roupas: um turco, um descendente de armênios, rindo como dois irmãos. ■

Quatro anos após a temporada em Oklahoma, Romain e Goko ainda mantêm contato. Eles planejam se ver de novo, em Paris ou em Istambul.

Super-Heróis Surgem da Vida em Duas Nações

Entrevista com Naif Al-Mutawa

Com pós-graduação em Psicologia Clínica e Administração de Empresas, além de experiência em terapia, jornalismo e literatura, Naif Al-Mutawa possui um currículo variado e eclético. Ele estudou no Kuwait, seu país natal, e nos Estados Unidos e continua dividindo seu tempo entre os dois países, enquanto desenvolve a Teshkeel Media Group, empresa internacional de mídia.

A empresa negociou direitos de distribuição de traduções para o árabe de muitos clássicos dos quadrinhos de super-heróis nascidos nos Estados Unidos. A Teshkeel levou as façanhas do Super-Homem e do Batman para o Oriente Médio, mas o carro-chefe dos seus produtos é a série de graphic novels (romances gráficos) THE 99 [OS 99]. Lançada em 2006, a história, escrita por Al-Mutawa e ilustrada por uma equipe artística, é sobre um grupo de diversos personagens internacionais que encarna cada um dos 99 atributos de Alá e do Islã. Em entrevista à editora-gerente de eJournal USA, Charlene Porter, Al-Mutawa descreveu como sua criação e educação bicultural foram determinantes para o projeto.

Pergunta: Descreva a experiência de ter sido criado em dois países.

Al-Mutawa: Nasci no Kuwait em 1971 e foi lá que cresci. De início, costumava passar os verões em Londres, e depois, na Espanha. Quando fiz 8 anos, meus pais decidiram que eu deveria ter uma formação americana, então eles me mandaram para um acampamento de verão em New Hampshire [estado no nordeste dos EUA].

Cresci indo à escola no Kuwait e ao acampamento em New Hampshire. Passei a fazer parte de dois mundos bem cedo, em uma época em que não havia internet, em que a experiência de outros mundos não pertencia à esfera do cotidiano. Hoje em dia, qualquer pessoa pode ir ao Google e ao YouTube e ver o mundo, mas naquele tempo nós não tínhamos nem mesmo televisão por satélite.

Então isso fez com que eu tentasse entender desde muito cedo vários conceitos que não pareciam se encaixar de forma adequada, opiniões referentes àqueles que eram vistos como o “Outro”, por exemplo. Todo mundo tem isso; não importa se você cresceu nos Estados Unidos, no Kuwait ou na China, sempre há uma percepção do Outro, o grupo de pessoas que é diferente do seu grupo. Mas logo aprendi que o Outro variava dependendo do lugar onde



Copyright © 2009 Teshkeel Media

A caricatura de Naif Al-Mutawa foi desenhada pela equipe artística da empresa que ele fundou, a Teshkeel Media Group

você estava. Isso foi um ensinamento importante para mim.

Depois do ensino médio, fui estudar nos Estados Unidos, em Medford, Massachusetts, na Universidade Tufts, que tem um campus enorme e muito diverso, onde o multiculturalismo é um grande tema de educação.

No meu primeiro ano na Tufts, em 1990, eu não tinha país. O Kuwait havia sido invadido, e meus pais não puderam voltar para casa depois das férias de verão. Eu não tinha uma casa naquela época, mas tinha um lar por ter uma família americana que cheguei a conhecer muito bem. O pai daquela família, Lawrence Durocher, tornou-se o

meu mentor e ainda trabalha comigo como assessor sênior na Teshkeel. Ele era editor da revista *Rolling Stone* e muitas outras coisas. Então eu tive a oportunidade de conhecer as pessoas de perto. Todas aquelas experiências criaram a base para o que estamos fazendo hoje.

P: Amplie seus comentários anterior sobre o Outro.

Como você lidou com isso durante os anos que passou morando parte no Kuwait e parte em um acampamento de New Hampshire. Você estava tentando conciliar as duas diferentes definições do Outro?

Al-Mutawa: Em 1979, ninguém sabia onde ficava o Kuwait. Em New Hampshire, fui para um acampamento de verão predominantemente judeu. As crianças eram de Ohio e da Pensilvânia, mas não havia discussões sobre política, religião ou nada do gênero. Era um ambiente agradável, e eu era apenas o garoto simpático e gordinho de um país que ninguém tinha ouvido falar. Eu era diferente, mas nunca me senti o Outro.

P: Mas apesar disso você tinha consciência de que o conceito estava presente em muitos contextos sociais?

Al-Mutawa: À medida que fui crescendo, sim, sem dúvida. Fiz muitos amigos no acampamento e, devido ao tamanho do Kuwait e à política da região, certos estereótipos passavam como verdades e eu fui capaz de contestá-los. Esses estereótipos giravam normalmente em torno da demonização do Outro baseada na falta de interação. No caso do conflito árabe-israelense, é claro que a ideia de quem era o Outro crescia na minha região.

P: Você tomou uma decisão muito firme de transformar THE 99 em uma empresa internacional. De que modo sua experiência fez com que fosse uma decisão compulsória para você?

Al-Mutawa: Uma das principais razões que me levou a criar THE 99 é que eu sou psicólogo clínico. Tenho licença para exercer a profissão no estado de Nova York. Particpei do Programa de Sobrevivência à Tortura Política do Hospital Bellevue. Como falo árabe, meus pacientes vinham do mundo árabe, mas havia pessoas de todo os lugares do mundo.

Um dos temas ressonantes que eu sempre escutava de vários ex-prisioneiros era a decepção profunda e dolorosa de ter crescido considerando seu líder um herói, para acabar vendo o aparato desse herói sendo usado para torturá-los quando adultos. Isso me fez pensar sobre que tipo de

mensagem estamos passando aos nossos filhos sobre o que é um herói, como um herói deve ser, quais deveriam ser suas aspirações. Foi aí que descobri o desejo de criar heróis para crianças naquela parte do mundo.

Mas ao mesmo tempo sabia que o que eu fizesse deveria ter apelo também no Ocidente e na Ásia. Eu tinha escutado e lido sobre muitos projetos que haviam se tornado vulneráveis por serem atraentes apenas para o mercado do Oriente Médio. Em alguns casos, um simples telefonema de uma pessoa insatisfeita é suficiente para cancelar um programa. Eu sabia que se chegasse a participar de algo como THE 99, entraria de corpo e alma nisso. Então tinha que ter certeza de que seria interessante em nível global.

Daí, desde o primeiro dia, criei o conceito de 99 heróis diferentes, provenientes de 99 países. Não há implicações religiosas na história. Não há proselitismo de nenhuma religião. A imprensa passou a vê-la como uma história sobre super-heróis islâmicos e, embora seja inspirada no Islã, também há outras influências. THE 99 refere-se aos 99 atributos de Alá mencionados no Alcorão, mas as pedras mágicas que dão os superpoderes aos 99 super-heróis vêm da sabedoria coletiva de todas as religiões e civilizações.

A história começa quando a cidade de Bagdá cai sob o poder de Hulagu Khan em 1258. Os invasores querem destruir o progresso da civilização islâmica, então o califa e os bibliotecários da legendária Dar al-Hikma lutam para salvar e proteger a sabedoria coletiva de todas as religiões armazenada na biblioteca. Assim, 99 pedras são infundidas com toda a luz da razão e delas os heróis recebem seus poderes.

Se vislumbrei uma empresa global, acho que quis criar o barco, segurá-lo e esperar uma rajada de vento que nos fizesse navegar pelo Atlântico e Pacífico e, graças a Deus, tivemos sorte de pegar essa brisa e transformar isso em uma empresa mundial.

P: Do ponto de vista artístico, THE 99 tem raízes tanto nas histórias em quadrinhos de super-heróis americanos quanto no *animé* asiático, como Pokémon e esse tipo de personagem. Apesar de não ser artista, foi você quem concebeu a incorporação de ambas as tradições artísticas?

Al-Mutawa: Sim. Uma das coisas que aprendi na escola de administração de empresas é que, quando se desenvolve um novo produto, não pode haver muito de “inovador” nele. Se houver muita coisa nova no seu produto, você terminará com um mercado de apenas um cliente, e esse cliente será você. Eu precisava encontrar um veículo que fosse aceito, e tanto o *animé* quanto as histórias em quadrinhos de super-heróis são linguagens que foram utilizadas durante décadas.

Escrever sobre Tolerância

Naif Al-Mutawa iniciou sua carreira literária na literatura infantil há mais de uma década.

Em um lugar chamado Bouncyland, todo mundo é redondo. Em Bouncyland, as pessoas que pulam mais alto e rolam mais longe são as mais importantes, melhores e maravilhosas. E é muito natural que seja assim.

No entanto, havia o pobre Bouncy Jr. Ele nasceu em forma de meio círculo. Não podia pular. Não podia rolar. Pobre Bouncy! Seus pais tinham vergonha dele. Ele não tinha amigos.

Um dia, porém, uma enchente invadiu Bouncyland. Mesmo os que pulavam mais alto e rolavam mais longe estavam em perigo. Mas Bouncy Jr tinha a forma de um barco, capaz de flutuar sobre as águas enfiadas e conduzir todo mundo para um lugar seguro. E os moradores de Bouncyland aprendem, assim, que a vida é mais do que pular e rolar.

Essa é a forma como se desenrola a narrativa do primeiro livro de Naif Al-Mutawa, *To Bounce or Not to Bounce [Pular ou Não Pular]*.

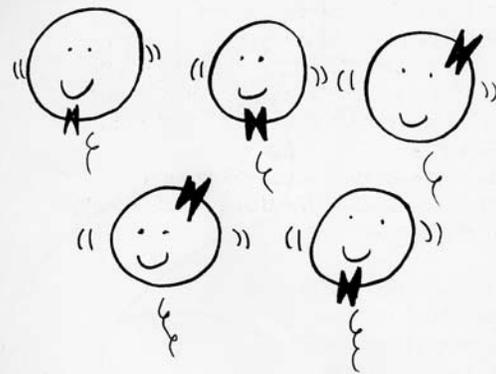
O breve livro, ilustrado com simplicidade, é “o que se tornou conhecido como meu primeiro livro infantil”, declarou Al-Mutawa, “mas ele não foi escrito para crianças”.

Al-Mutawa escreveu esse livro com apenas 24 anos e com pouco tempo de formado na faculdade. Ele o escreveu por conta da frustração com relação a uma história publicada na imprensa do Kuwait sobre um homem que havia perdido seu emprego por ser da religião sique. Igualmente enlouquecedor para Al-Mutawa foi a afirmação do empregador de que se tivesse tomado conhecimento desde logo do fato de que o funcionário demitido era sique, ele, antes de tudo, nunca teria contratado tal pessoa.

Essa era a época em que hutus e tútsis estavam se matando em Ruanda, e sérvios, croatas e bósnios estavam em guerra nos Bálcãs.

“Para mim era tudo a mesma coisa”, sublinhou Al-Mutawa. “Queria escrever sobre isso de um jeito para nunca mais ter de fazê-lo de novo.”

At school, all the children laughed at him.
"Look at that half circle," they laughed,
"he can't even roll or bounce!"



© Naif Al-Mutawa

Página de *To Bounce or Not to Bounce* de Naif Al-Mutawa, vencedor do Prêmio Unesco para Literatura Infantil e Juvenil a Serviço da Tolerância

To Bounce or Not to Bounce terminou ganhando o Prêmio Unesco para Literatura Infantil e Juvenil a Serviço da Tolerância. Al-Mutawa escreveu um segundo livro sobre as aventuras de Bouncy Jr, mas abandonou a carreira quando voltou para a universidade com o objetivo de obter o doutorado em psicologia clínica e o diploma de administração de empresas. A série THE 99 marca o retorno de Al-Mutawa à produção literária. ■



Ruth Fremson/The New York Times/Redux

Al-Mutawa criou THE 99 para os seus filhos e para os filhos de todos

O conceito de personagens humanos que se transformam em super-heróis data da década de 1930. Personagens que trabalham em equipe são um conceito asiático, porque eles têm uma cultura voltada para o grupo. Assim, a única coisa nova aqui é o arquétipo do qual derivamos as histórias. Eu quis que isso fosse algo que pudesse se sustentar por conta própria como negócio, embora tenha uma mensagem social muito clara. Sou um grande adepto do mercado.

P: Quais são suas expectativas para essa *graphic novel* e o que ela pode ensinar aos jovens do mundo?

Al-Mutawa: Tenho expectativas tanto comerciais quanto sociais. Na esfera comercial, quero que essa seja uma empresa como a Disneylândia, e temos claras indicações, *Insh'Allah*, de que isso pode acontecer. Vejo THE 99 ocupando seu legítimo lugar ao lado de Super-Homem,

Batman, Homem-Aranha e Pokémon, na condição de embaixadores do nosso lado do mundo.

Em termos de mensagem, há duas, uma para o mundo ocidental e outra para o mundo islâmico. A mensagem para o mundo islâmico é: chega, chega de não prestar contas e de não se responsabilizar pelo que acontece no mundo. Tudo o que ouço são sujeitos reclamando que “há pessoas destruindo nosso nome” ou que “fomos mal interpretados na imprensa”. Ou vejo mensagens reativas que surgem do seguinte raciocínio: “Ah, eles transformam os árabes em vilões? Então vamos criar histórias onde os americanos são os vilões.”

É hora de as pessoas do mundo islâmico assumirem a

responsabilidade e a obrigação de prestar contas sobre como somos vistos. Faço isso primeiro e principalmente para os meus filhos, mas faço isso também para os filhos de todo mundo. Meus filhos não vão viver sozinhos no mundo.

A mensagem para o mundo não islâmico é: “Ei! Essa mensagem sobre o choque de civilizações, a guerra de religiões — chega disso!” Se você olhar no âmago da religião islâmica, nos conceitos do THE 99, nos conceitos de Alá e do Alcorão — generosidade, sabedoria, prudência, compaixão — esses valores são compartilhados por todas as civilizações. No âmbito dos valores, todos somos iguais. ■

As opiniões expressas nesta entrevista não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Chuck Norris e a Busca por Mim Mesma

Meghan Loftus



Cortesia: Meghan Loftus

A autora (à direita) e sua amiga Janelle Mackereth concluíram os estudos na Faculdade de Ithaca em 2009, dois anos após estudarem juntas no exterior

Um semestre no exterior é uma oportunidade para testar quem você é e o que pode fazer, longe dos confortos de casa e da família. A americana Meghan Loftus formou-se bacharel em Jornalismo e Política pela Faculdade de Ithaca em 2009. Ela passou a primavera de 2007 em Sevilha, na Espanha, estudando no Centro de Estudos Interculturais.

O táxi nos deixou em uma ruela. Olhei para o portão, perguntando-me o que os próximos quatro meses me reservavam. Eu estava cansada — pela diferença de fuso horário, sim, mas também exausta de ouvir espanhol à minha volta no voo e traduzir mentalmente... ou de qualquer forma tentar traduzir. Apenas um dia e meio do meu semestre em Sevilha, na Espanha, se passara e eu sentia como se já estivesse ali há três anos. Estava tão cansada que poderia deitar encolhida em alguma esquina e cair em um sono profundo e restaurador.

O que eu estava fazendo ali? Perguntei isso a mim mesma enquanto estava parada, esperando que minha mãe hospedeira respondesse o interfone e nos desse permissão para subir ao apartamento. Essa foi a primeira de muitas vezes nos próximos

quatro meses que eu me faria essa pergunta. Antes do meu semestre no exterior, eu havia saído dos Estados Unidos apenas algumas vezes para visitar as Cataratas do Niágara, no Canadá. Eu nunca havia saído da América do Norte. Sempre quis viajar para o exterior, especialmente para a Espanha. Esse era o meu sonho! Por que eu estava tão nervosa?

Em momentos como esse, eu tinha a sorte de ter minha amiga Janelle. Nós duas tínhamos escolhido o mesmo programa de estudos no exterior e estávamos felizes por isso. Tínhamos uma à outra para compartilhar os muitos momentos de diversão. Mas nos momentos de tensão, sempre animávamos uma à outra, como quando Janelle perdeu sua mochila e metade de suas roupas ou quando eu tinha muita saudade de casa. Em meio a isso tudo, eram frequentes os momentos em que não podíamos acreditar na nossa sorte por estarmos passando um semestre em um país estrangeiro. O que estávamos fazendo ali?

DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS

Durante o decorrer do semestre, encontrei muitas respostas para a minha pergunta. Primeiro, eu queria saber



Cortesia: Meghan Loftus

Megham (embaixo) e Janelle (no alto) fazem pose brincalhona ao explorar locais na Espanha

como as pessoas no mundo viviam. Esperava encontrar uma porção de diferenças — o que as pessoas comiam, quando elas comiam, como se vestiam, de que gostavam — e eu estava certa. Em Sevilha, nossa principal refeição era o almoço, e não jantávamos antes da meia-noite. E eu sempre achava que as minhas roupas mais chiques não eram nunca suficientemente chiques; as outras garotas da minha idade estavam sempre muito bonitas, mesmo para simplesmente ir à escola.

Mas o que me surpreendia eram as semelhanças. Antes de sair de meu país, eu estava tão concentrada nas diferenças a serem encontradas que nunca parei para pensar sobre as coisas em comum com pessoas que viviam a milhares de quilômetros de distância com um oceano no meio. Gostávamos muito dos mesmos filmes e das mesmas músicas, admirávamos as mesmas celebridades e queríamos da vida as mesmas coisas, isto é, amar e ser amadas.

Aí veio a discussão sobre as peripécias de Chuck Norris mudando a rotação da Terra. Essa brincadeira surgiu do nada uma noite em que Janelle e eu estávamos sentadas com nossos amigos espanhóis em um bar, tentando traduzir a conversa entre eles e o nosso amigo Andrew. Vindo de Londres para uma visita, Andrew não falava espanhol e apenas alguns dos nossos amigos espanhóis falavam inglês. Então, Janelle e eu estávamos nos divertindo traduzindo e navegando na conversa quando, de alguma forma, o nome de Chuck Norris veio à tona. Astro da série de televisão americana *Walker, Texas Ranger*, Norris é alvo de muitas brincadeiras que atestam seus míticos poderes de força e uma espécie de figura *cult* nos Estados Unidos.

Nossos amigos espanhóis logo começaram a contar piadas sobre Chuck Norris em espanhol e em inglês,

apontando variações das piadas que até nós ainda não tínhamos ouvido falar. Janelle, Andrew e eu ríamos histericamente. Como podia ser que aqui, neste bar em uma ruela de Sevilha, estivéssemos compartilhando piadas sobre Chuck Norris? E em dois idiomas, não menos que isso? Foi uma lição valiosa sobre o poder de Chuck Norris como ícone cultural e astro de filmes de ação e, em um nível mais profundo, sobre a língua não ser barreira para compartilhar uma boa brincadeira.

AUTORREVELAÇÕES

Outro motivo para ir ao exterior foi me conhecer. Você pode achar estranho eu querer ir a algum lugar diferente para saber quem eu realmente sou. Mas quando penso sobre isso, para mim faz muito sentido. Enquanto estive fora, tudo que encontrei em minhas viagens era novo e não familiar. Cada situação com

que me deparei me forçou a repensar o que eu sabia sobre mim mesma, sobre a situação e sobre as opções disponíveis no momento. Quer estivesse andando em círculos com Janelle em Barcelona tentando encontrar a catedral Sagrada Família (difícil não encontrar, mas nós conseguimos) ou descobrindo que havíamos reservado as datas erradas em um albergue na nossa viagem de férias em Galway, na Irlanda, eu tinha de reagir a situações de estresse, que rapidamente se tornavam mais estressantes porque eu não estava na minha praia. Ainda assim, eu tinha de encontrar minhas próprias soluções.

Adivinhe? Resolvemos os problemas sem ataques de ansiedade (está bem, houve algumas ocasiões em que eles estiveram bem próximos). Por fim, encontramos a Sagrada Família (embora tenhamos andado quilômetros) e encontramos outro albergue na Irlanda. Enfrentamos situações que normalmente me deixariam com os nervos à flor da pele. Mas, em Sevilha, lugar que valoriza o relaxamento para combater o estresse, aprendi que aqueles problemas eram apenas parte da diversão. Agora, eu lembro de priorizar estes quatro itens: família, amigos, divertimento e comida — em vez de me preocupar com tudo de errado que pode acontecer. No final, lembro a mim mesma que os pequenos contratempos do caminho não contam.

Mas, naquele primeiro dia em Sevilha, parada do lado de fora do portão esperando para sair da chuva, perguntando-me como tinha ido parar ali, tudo isso estava diante de mim. Quase sempre olho para trás e me vejo naquela soleira de porta e murmuro para mim mesma quando estou aflita: você está aqui porque cada dia será uma nova aventura. ■

Minha Viagem a Harvard

Siyabulela Xuza

Jovem recorda como viajou de sua cidade na África do Sul para a Universidade de Harvard em Cambridge, Massachusetts. Até agora, a ciência tem sido o seu bilhete de viagem, e ele espera que também seja o seu destino. Siyabulela Xuza cursou o ensino médio na África do Sul e vai iniciar seu segundo ano em Harvard no último trimestre de 2009. Xuza foi um dos vencedores da 58ª Feira Internacional de Ciência e Engenharia da Intel.

Eu estava acompanhando o ronco de um avião Cessna que jogava panfletos de propaganda eleitoral sobre Mthatha, minha cidade na África do Sul. Era 1994, o primeiro ano de uma nova democracia em meu país, e a visão daquela maravilha tecnológica despertou em mim a curiosidade pela ciência e uma paixão por usar a tecnologia para construir um renascimento da África. É para isso que estou trabalhando agora enquanto estudo na Universidade de Harvard nos Estados Unidos.

Logo depois que vi aquele avião, fui até a cozinha de minha mãe e comecei a misturar produtos químicos para produzir um novo combustível para foguetes. Essas ações perigosas às escondidas de minha mãe me deixavam nervoso, mas a excitação da química caseira era forte demais para resistir. Amava aquele laboratório improvisado, equipado com os utensílios de minha mãe e cheirando a uma mistura do jantar da noite passada e o odor adocicado dos produtos químicos.

Tudo corria às mil maravilhas até aquele dia fatídico em que eu distraidamente preparava uma nova mistura. Esqueci de desligar o botão do fogão, e a mistura em ebulição transformou-se em um monstro sibilante, espirrando líquido por todo o chão. Aquela cozinha antes imaculada de repente ficou coberta de fumaça e um pegajoso combustível de foguete. Minha mãe correu para lá. Eu gaguejava, com as mãos trêmulas, temendo o que viria em seguida: a pior repreensão da minha vida.

A repreensão ainda ressoava nos meus tímpanos quando retomei minhas experiências, embora de forma mais cautelosa, na garagem. O que começou como uma travessura transformou-se em um projeto científico sério de quatro anos que eu administrava simultaneamente com trabalhos escolares difíceis, jogos de rúgbi, produções teatrais e serviço comunitário.

LANÇAMENTO BEM-SUCEDIDO

Eu não só estava trabalhando no combustível como também estava construindo um foguete. Essa parte do



Cortesia: Siyabulela Xuza/Foto: Zach Rait

Os experimentos de Siyabulela Xuza o levaram da África do Sul a Harvard, onde foi fotografado no Centro Barker de Humanidades

projeto testou minha paciência e meu comprometimento até que um dia, em 2003, comecei uma angustiante contagem regressiva para o lançamento do experimento que chamei de Phoenix. Quando pressionei o botão de ignição, o motor ganhou vida, lançando uma nuvem de fumaça com o estrondo de mil tambores africanos. O Phoenix subiu majestosamente, rasgando o céu, até atingir uma altitude de quatro mil pés (1.220 metros). O sucesso do lançamento comprovou o valor da perseverança.

Entrei então na feira nacional de ciências da África do Sul com um projeto chamado Espaço Africano: Impulsionando a Pesquisa Espacial da África. O projeto foi tão bem recebido que ganhei duas viagens internacionais — para as cerimônias do Prêmio Nobel na Suécia e para uma feira internacional de ciências nos Estados Unidos.

A feira internacional de ciências realizada em Albuquerque, Novo México, reuniu mais de 1.500 dos estudantes mais inovadores de 52 países para exibir suas pesquisas e participar de uma competição acirrada. Senti-me honrado por representar meu país e enriquecido pelo intercâmbio que tive com estudantes de todas as partes do mundo. Então, terminado o julgamento, dirigi-me para a cerimônia de entrega dos prêmios e tomei meu lugar, olhando para um imenso auditório com intensa expectativa. Intimidado pelo evento, encolhi-me na cadeira à medida que os grandes prêmios eram anunciados. “E o vencedor da categoria de Energia e Transportes é Siya...”, gritou o apresentador, interrompido por aplausos ensurdecedores. Eu havia conquistado um grande prêmio e a honra de ver meu nome ser dado a um pequeno planeta.

EM UM PLANETA DIFERENTE

A euforia do meu sucesso na feira internacional foi a força que me impeliu ao último ano do ensino médio, culminando com minha aceitação na Universidade de Harvard. No quarto trimestre de 2008, passei pelos pátios arborizados e muros cobertos de hera de Harvard para iniciar meu primeiro ano na universidade. Precisava adaptar-me a um sistema educacional diferente, no qual o processo para obter uma resposta vale mais do que a própria resposta, e a colaboração e o envolvimento com os professores resulta em notas mais altas. Assumi o risco intelectual de escolher cursos não muito comuns como mandarim, economia e *world music* para ampliar meus horizontes e tornar-me um pensador interdisciplinar.

Fora da sala de aula, entrei para o Fórum de Liderança Internacional de Harvard. A sociedade de estudantes de todas as partes do mundo facilita os painéis sobre terrorismo global, liderança, HIV/Aids, tecnologia e desenvolvimento da África. O fórum também me expôs à crescente ameaça da mudança climática à medida que aumenta a demanda de energia nos países em desenvolvimento e desenvolvidos. Tão grande quanto essa ameaça é a oportunidade de começar uma revolução pela tecnologia limpa.

O tema da mudança climática motiva minha nova paixão: usar minha experiência com novos combustíveis para foguetes e meus recursos atuais em Harvard para desenvolver a próxima geração de combustíveis de



Siya explica seu projeto a futuros cientistas na Feira Internacional de Ciência e Engenharia da Intel, onde ganhou um grande prêmio

© Eskom Expo for Young Scientists

automóveis e jatos a fim de atenuar os perigos da crise climática. No momento estou pesquisando as principais tecnologias em biologia sintética e energia renovável para promover o desenvolvimento sustentável da África e ajudar a despertar o potencial intelectual de um continente que ainda precisa cumprir sua promessa.

A transição de minhas raízes africanas para a sociedade americana me fez ver o valor da diversificação cultural. Tenho me envolvido em muitos debates noturnos, nos dormitórios da universidade, sobre questões que vão de justiça social à ética da genética, de modo que conheci a opinião de outros estudantes. Apesar de nossas diferenças, percebi que todos nós compartilhamos os valores fundamentais de liberdade e justiça, valores esses que podem ser atingidos somente com tolerância e uma maior compreensão das outras culturas.

Momentos mais mundanos, tais como a alegria de ver neve pela primeira vez, também marcaram minha adaptação ao país. Congelei durante os rigorosos invernos do nordeste e tive saudades do sol da África, mas minha alma se aqueceu com o calor do povo americano, cuja bondade promoveu minha evolução a cidadão do mundo.

Em breve retornarei à África do Sul, enriquecido não só por uma excelente formação como também pela interação com pessoas de todas as partes do mundo, cujas opiniões me deram uma boa noção de como o mundo funciona e pensa. Posso não ser capaz de prever o que virá no futuro, mas fico animado ao imaginar como minha formação em engenharia vai me ajudar a atingir minhas aspirações para a África. ■

Em Defesa da Educação Internacional

Allan E. Goodman



Estudantes na Universidade do Cairo, no Egito, ouvem com atenção o presidente americano, Barack Obama, alardear o valor do diálogo internacional

Buscar educação em um país estrangeiro permite ao jovem desenvolver as habilidades necessárias para tornar-se um cidadão do mundo eficaz e produtivo. Allan E. Goodman é presidente e diretor executivo do Instituto de Educação Internacional, organização sem fins lucrativos líder no campo de intercâmbio educacional internacional e capacitação para o desenvolvimento.

A ideia de que as pessoas deveriam lutar para agir como cidadãos do mundo começou a se consolidar em todo o globo em uma escala sem precedentes. Vemos isso em todos os lugares:

- O grupo contra a pobreza Oxfam diz que o cidadão do mundo é alguém que “tem consciência do mundo exterior e... respeita e valoriza a diversidade”.
- A secretária de Estado dos EUA, Hillary Rodham Clinton, conclamou os graduandos de 2009 a se

tornarem “enviados especiais de seus ideais” como “cidadãos embaixadores usando a vida pessoal e profissional para formar parcerias globais”.

- O governo chinês criou o slogan “Um mundo, um sonho” para os Jogos Olímpicos de Pequim de 2008.

O Instituto de Educação Internacional (IIE) administra mais de 250 programas que ajudam a tornar possíveis os intercâmbios acadêmicos e profissionais para mais de 20 mil participantes anualmente. Muitos desses programas ajudam a trazer estudantes estrangeiros para estudar nos Estados Unidos. Um dos mais conhecidos é o Programa Fulbright, patrocinado pelo Bureau de Assuntos Educacionais e Culturais do Departamento de Estado dos EUA. O seu objetivo é ampliar o entendimento mútuo entre o povo dos Estados Unidos e de outros países. Por meio dele, pessoas e ideias se transformam.

Em um mundo em contínua mudança, ser um cidadão do mundo exige constante adaptação a novas ideias e



Em sua viagem em junho de 2009 ao Egito, o presidente Obama promete apoio aos programas de intercâmbio e exorta os jovens a reconhecerem as "aspirações comuns" entre culturas

circunstâncias. É por isso que o processo de transformação vivido por estudantes estrangeiros como parte de uma educação americana é tão importante: você é preparado para a constante transformação que será exigida em uma carreira no século 21. Recentemente, um ex-bolsista Fulbright, S.M. Krishna, tornou-se ministro de Assuntos Externos da Índia. A imprensa atribuiu-lhe o mérito de ajudar a transformar Bangalore no pólo tecnológico mais reconhecido da Índia e também citou sua educação americana como prova de que ele seria capaz de lidar com os complexos desafios diplomáticos da Índia. Hoje, na Índia, tecnologia e relações exteriores operam em níveis drasticamente diferentes dos operados no final dos anos 1950 e no início dos anos 1960, quando S.M. Krishna era um bolsista Fulbright. Contudo, sua educação nos Estados Unidos, onde estudou na Universidade George Washington e na Universidade Metodista do Sul, desempenhou papel crucial ao prepará-lo para adaptar-se a esses desafios contemporâneos.

Ao vir para os Estados Unidos, você poderá reavaliar suas opiniões sobre suas crenças mais arraigadas e terá

uma abordagem renovada na área de estudo que mais lhe atrai. Dessa forma, você terá uma vantagem econômica ao adquirir o tipo de habilidade de comunicação intercultural valorizada pelos empregadores de hoje e uma vantagem intelectual ao desenvolver um entendimento mais profundo de seus valores e uma perspectiva mais ampla do mundo ao seu redor. Tornar o "internacional" parte da educação sinaliza uma profunda mudança naquilo que todos nós podemos levar do ensino superior. Afeta não somente o que dizemos, mas também o que escolhemos para ler e falar e como realmente pensamos. Pode fazer com que os países sejam melhores amigos e o mundo um lugar menos perigoso.

Discursando no Cairo em junho de 2009, o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, observou que educação e inovação serão a moeda do século 21, e que, portanto, "expandiremos os programas de intercâmbio e ampliaremos as bolsas de estudo, como a que levou meu pai aos Estados Unidos". O presidente considera que a educação e os programas de intercâmbio desempenham um papel fundamental na união dos povos ao dizer: "Acredito que os Estados Unidos mantêm dentro de si a verdade de que, independentemente de raça, religião ou posição na vida, todos nós compartilhamos aspirações comuns — viver em paz e segurança; ter acesso à educação e trabalhar com dignidade; amar nossos familiares, nossas comunidades e nosso Deus. Essas coisas nós compartilhamos. Essa é a esperança de toda a humanidade."

COMUNICAÇÃO TRANSFRONTEIRIÇA

Embora muitos estudantes estrangeiros estejam cientes dos benefícios econômicos e pessoais de estudar no exterior, muitos vêm para os Estados Unidos não tanto para se tornarem cidadãos do mundo mas para aprender os mecanismos de áreas específicas como administração e engenharia. Na verdade, essas duas áreas juntas são responsáveis por mais de 36% de todos os estudantes estrangeiros nos Estados Unidos, segundo o relatório *Portas Abertas 2008* do IIE.

Muitos mais podem aspirar a obter títulos de prestígio como um MBA em Harvard ou um PhD pelo Instituto de Tecnologia da Califórnia, mas nunca conseguem deixar seus países para perseguir esse sonho. Questões como o alto custo e a extrema seletividade de tais programas podem dissuadir alunos de procurar uma educação internacional. Um estudante da China ou da Índia pode pensar: "Afim de contas, os mecanismos de engenharia são os mesmos em todos os lugares, e as universidades do meu país melhoraram seus programas nos últimos anos." Mas se os engenheiros esperam realizar inovações em disciplinas como física e química, eles devem buscar essas disciplinas em um mundo sem fronteiras, onde problemas e soluções são compartilhados



Cortesia: IIE

Allan E. Goodman, do Instituto de Educação Internacional, defende os valores da cidadania global alcançados por meio de uma experiência educacional transnacional

entre as nações. Por exemplo, o Cern, o maior laboratório de física de partículas do mundo e uma das instalações científicas mais respeitadas mundialmente, é gerenciado por 20 Estados-membros da União Europeia e muitos outros países enviam cientistas para usar as instalações. Habilidades linguísticas, compreensão cultural e respeito mútuo são exigidos

quando se trabalha nos diversificados grupos de pesquisa em instalações como essa. No lado mais comercial, fazer um produto competitivo exige compreensão do mercado global para o produto e da cadeia de fornecimento mundial que faz produção em massa de qualquer produto possível.

Alguns problemas de engenharia literalmente transcendem fronteiras internacionais. Comunicação via satélite e avanços na exploração espacial acontecem fora das fronteiras de qualquer nação e, cada vez mais, requerem colaboração de muitos parceiros internacionais. O consumo de energia derivada de combustíveis fósseis está mudando a atmosfera compartilhada por todos, independentemente de onde esse consumo ocorra. Motivados pela ameaça das mudanças climáticas, um indiano e dois estudantes americanos ajudaram a projetar e dirigiram um carro movido a energia solar e elétrica por 3.381 quilômetros, de Chennai a Nova Délhi. O americano Alexis Ringwald, que foi para a Índia com uma bolsa Fulbright para pesquisar financiamento de energia limpa, participou da equipe que fez essa viagem, chamada Climate Solutions Road Tour (Viagem em Busca de Soluções para o Clima). Durante o percurso, o grupo capacitava estudantes indianos a agir com relação às questões das mudanças climáticas.

CAPACITAÇÃO PARA ESTUDANTES ESTRANGEIROS

Os Estados Unidos abrigam mais de 4 mil instituições de ensino superior credenciadas que

representam uma variedade inacreditável de títulos e programas. Embora os programas americanos de elite estejam entre os melhores no mundo, a diversidade do sistema de ensino superior é sua verdadeira força – contudo, 60% dos estudantes estrangeiros que vêm a este país frequentam apenas 156 dessas instituições. Portanto, embora já recebamos 22% dos estudantes que se movimentam pelo mundo, o sistema de ensino superior americano tem espaço para muitos mais.

Acredito que uma das formas de os Estados Unidos poderem receber mais estudantes é por meio da capacidade das faculdades comunitárias americanas de servir como uma porta de acesso ao nosso sistema de ensino superior. Os estudantes estrangeiros podem começar nessas faculdades a um custo significativamente mais baixo e então mudar para dezenas de instituições com cursos de quatro anos por meio de um acordo de articulação – acordo aprovado oficialmente que combina trabalho de curso entre as escolas. Os números do *Portas Abertas* revelam que somente cerca de 14% dos estudantes estrangeiros atuais frequentam faculdades comunitárias. Acredito que na próxima década poderia chegar a 40% se os estudantes estrangeiros descobrirem que essas instituições oferecem um modo de ingressar no sistema de ensino superior, acelerar as habilidades linguísticas, conhecer a cultura americana e, em última instância, frequentar uma das muitas universidades públicas de prestígio.

Para ajudar os estudantes estrangeiros a obter informações sobre esse e outros aspectos do sistema de ensino superior dos EUA, o Departamento de Estado oferece um recurso que muitos podem acessar sem sair de seu país. O EducationUSA é uma rede global de mais de 450 centros de orientação que oferece informações precisas, abrangentes, objetivas e oportunas sobre oportunidades educacionais nos Estados Unidos — sem custo para os estudantes e suas famílias. O EducationUSA também oferece orientação para pessoas qualificadas sobre como melhor acessar essas oportunidades. Obtenha mais informações no site: <http://www.educationusa.state.gov>.

Estejam seus interesses profissionais no serviço público, na administração, em ciência e tecnologia, no mundo acadêmico, nas artes e cultura, ou em qualquer outra combinação dos setores acima, a cidadania global adquirida por meio da educação internacional lhe será de grande valia nos anos e décadas futuros. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Passaporte para o Sucesso



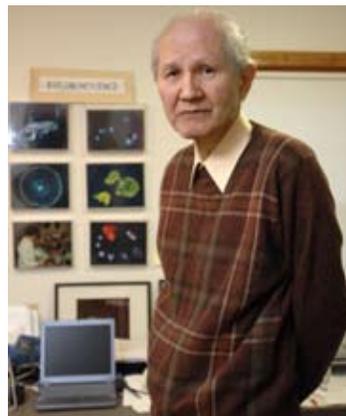
© Pavel Rahman/AP Images

Após receber uma bolsa Fulbright para estudar economia nos Estados Unidos, Muhammad Yunus, originário de Bangladesh, criou o sistema de microcrédito, pelo qual ganhou o Prêmio Nobel da Paz em 2006

Muitos veteranos de programas de estudos no exterior progredem a ponto de conquistar grandes coisas para si próprios e para seus países.

Milhares de pessoas no mundo todo carregam junto de seu nome o de um senador do Arkansas. Eles são bolsistas Fulbright, quase 300 mil indivíduos que ganharam bolsas de estudo Fulbright desde que o programa recebeu pela primeira vez recursos do Congresso dos EUA em 1946, com o patrocínio do senador J. William Fulbright. Desde então, tornou-se um dos programas internacionais de bolsas de estudo mais reconhecidos e prestigiados do mundo. O programa, administrado pelo Bureau de Assuntos Educacionais e Culturais (ECA) do Departamento de Estado dos EUA, dá aos acadêmicos a oportunidade de realizar estudos e pesquisas no exterior. O registro das realizações desses acadêmicos comprova claramente que os bolsistas Fulbright retribuem ao mundo o benefício recebido.

Muhammad Yunus chegou aos Estados Unidos, conforme sua própria descrição, como “um tímido conferencista de economia de 25 anos”, para realizar



© Josh Reynolds/AP Images

O químico japonês Osamu Shimomura faz parte do grupo de elite de 39 ex-professores bolsistas Fulbright que foram agraciados com Prêmios Nobel

estudos avançados com a ajuda de uma bolsa de estudos Fulbright. Uma década depois, a pobreza opressiva e imutável em sua nativa Bangladesh levou-o a inventar um novo conceito em empréstimo, o microcrédito. Ao oferecer pequenos empréstimos a taxas de juros razoáveis a proprietários

de pequenos negócios, a maioria mulheres, o conceito de microcrédito permitiu que empreendedores em dificuldades pudessem, pouco a pouco, formar capital e progredir. Yunus institucionalizou o conceito de microcrédito por meio da fundação do Banco Grameen e, desde então, esse conceito foi copiado em muitos



© Marnie Garcia/AP Images

Antes de entrar para a política, o ex-presidente peruano Alejandro Toledo estudou na Universidade de São Francisco e na Universidade de Stanford

outros lugares no mundo todo.

Yunus e o banco ganharam o Prêmio Nobel da Paz em 2006. O presidente Obama concedeu a Yunus a Medalha Presidencial da Liberdade em julho de 2009. Essa medalha é a maior honraria civil dos EUA.

Yunus passou sete anos em um programa de intercâmbio na Universidade de Vanderbilt, no Tennessee. Em 2007, em um discurso nesse campus, ele falou de sua experiência: “Vanderbilt tornou-me corajoso, ousado, e isso me ajudou a enfrentar as coisas e, se eu não tivesse adotado essa atitude desafiadora, eu não teria sido capaz de fazer o que fiz.”

Yunus não é o único elo entre as palavras “Fulbright” e “Nobel”. Osamu Shimomura, do Japão, e Jean-Marie Le Clézio, da França, são também bolsistas Fulbright



Sipaviva/AP Images

O ex-professor bolsista Fulbright Jean-Marie Le Clézio, da França, recebeu o Prêmio Nobel em 2008 por seu estilo literário de “aventura poética e êxtase sensual”

e ganhadores do Prêmio Nobel. Shimomura ganhou o Nobel de Química em 2008 e Le Clézio conquistou o prêmio de literatura no mesmo ano.

“Teria sido impossível fazer qualquer coisa sem a Fulbright”, afirmou Shimomura, cujas pesquisas nos Estados Unidos levaram ao isolamento de uma proteína que se tornou uma das mais importantes ferramentas na biociência contemporânea. Shimomura recebeu uma bolsa de estudos Fulbright em 1960 para fazer pesquisas na Universidade de Princeton.

Le Clézio lecionou na Universidade da Califórnia em Santa Cruz com verbas concedidas pelo Programa Fulbright em 1979.

Shimomura e Le Clézio foram o 38o e o 39o ex-bolsistas Fulbright a receber Prêmios Nobel. Um total de 39 ex-bolsistas Fulbright de 11 países foram agraciados pelo Comitê do Nobel, de acordo com o ECA.

O bureau acompanha a carreira de seus veteranos e revela que 18 ex-bolsistas Fulbright serviram como

chefes de Estado ou de governo. Um deles é Alejandro Toledo, que exerceu o cargo de presidente do Peru de 2001 a 2006. Antes de sua carreira política, ele estudou Economia na Universidade de Stanford, na Califórnia, e lá voltou para discursar como patrono em cerimônia de formatura em 2003.

“Não há melhor investimento que uma pessoa, comunidade ou

nação possa fazer do que investir nas mentes de nosso povo”, declarou Toledo. “Em Stanford, descobri que nada se compara ao investimento em uma mente humana.

... Ninguém pode expropriar o que você tem em sua mente. Nenhum bandido pode roubar. Nenhum governo pode usurpar. Não pode nem mesmo ser destruído pela guerra.”

Os registros do ECA sobre as realizações dos ex-bolsistas Fulbright também comprovam que 11 deles foram eleitos para o Congresso dos EUA. ■

Apenas os Fatos

Estatísticas dão uma visão geral dos programas de intercâmbio de estudantes nos Estados Unidos.

1.046.468 Estudantes ativos não imigrantes inscritos no Sistema de Informações sobre Estudantes e Participantes de Intercâmbio (Sevis) ¹

9.609 Escolas registradas oficialmente nos Estados Unidos para oferecer cursos para estudantes estrangeiros ²

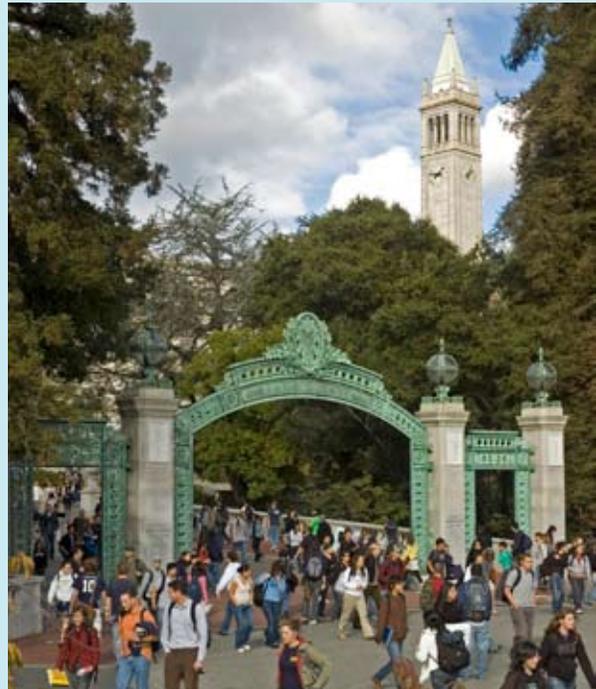
Estados líderes em instituições de intercâmbio de estrangeiros

1.204 Escolas da Califórnia participantes do Programa de Estudantes e Visitantes de Intercâmbio (SEVP)
690 Escolas de Nova York participantes do SEVP
538 Escolas do Texas participantes do SEVP
572 Escolas da Flórida participantes do SEVP
423 Escolas da Pensilvânia participantes do SEVP

Matrículas acadêmicas de estudantes estrangeiros nas principais escolas

11.621 Universidade da Cidade de Nova York
6.549 Universidade do Sul da Califórnia
5.770 Universidade Purdue
5.605 Universidade de Colúmbia na Cidade de Nova York
5.475 Universidade de Illinois

O governo dos EUA mantém esses dados detalhados sobre intercambistas estrangeiros por meio do Sevis, programa lançado em 2003. O Sevis é um sistema baseado na internet que constitui o maior banco de dados para informações sobre a situação e o paradeiro de estrangeiros participantes de programas acadêmicos, de treinamento ou de intercâmbio durante sua permanência nos Estados Unidos. O Sevis mantém registros sobre os visitantes e recebe informações atualizadas das instituições que os patrocinam, tais como mudança de endereço ou alterações no programa de estudo. Informações adicionais estão disponíveis no site <http://www.ice.gov/sevis/outreach.htm>.



Steve McConnell/U.C. Berkeley

A Califórnia é o estado que mais recebe estudantes estrangeiros. A diversificada população estudantil da Universidade da Califórnia, Berkeley, aparece aqui com dois marcos do campus, o Portão Sather e a torre do sino

O Sevis permite aos estudantes com visto criar contas de usuário, acessar suas próprias informações e monitorar quaisquer imprecisões. Com as atualizações de 2009 e 2010, o Sevis se tornará um processo totalmente isento de papel para todas as instituições e agências governamentais que interagem com intercambistas estrangeiros para partilhar e proteger informações sobre a situação de cada um durante a permanência nos Estados Unidos. ■

¹ Os números de matriculados fornecidos pelo Sevis incluem estudantes de curso superior, membros da família que os acompanham e estudantes matriculados em escolas profissionalizantes e de treinamento, tais como escolas para treinamentos de voo e escolas de línguas. Os números do Sevis também incluem visitantes estrangeiros que participam dos programas de intercâmbio profissional.

² Esse número inclui instituições de ensino superior credenciadas, além de grande número de escolas profissionalizantes e outras escolas não credenciadas, tais como escolas de voo, academias de beleza e escolas de línguas.

Fonte: SEVP Quarterly Review, 2009.

COMO É FEITO

O Básico sobre Vistos para os EUA

Você foi aceito como estudante de uma instituição acadêmica americana e está tomando as providências para obter um visto e iniciar sua viagem. Abaixo estão descritas em linhas gerais coisas importantes para entender o processo e a maioria das principais etapas juntamente com referências a recursos de informação mais detalhados. É muito importante o planejamento prévio, portanto, certifique-se de começar esses preparativos meses antes do início de sua viagem.

O Bureau de Assuntos Educacionais e Culturais do Departamento de Estado dos EUA oferece workshops sobre como realizar o processo de pedido de visto em muitos países. Para buscar um site que lhe seja conveniente, consulte <http://educationusa.state.gov/home/education-usa/global-left-nav/education-usa-advising-centers/center-directory>.

AS ETAPAS

Após ser aceito em uma faculdade ou universidade e antes de começar a se candidatar a um visto, sua nova escola precisa lhe enviar a documentação necessária para você inscrever-se no Sistema de Informações sobre Estudantes e Participantes de Intercâmbio (Sevis). O Sevis é um sistema de informações da internet que mantém o histórico dos estudantes estrangeiros e de outros participantes de programas de intercâmbio e permite o compartilhamento das informações entre as várias instituições e os vários órgãos governamentais com que os estudantes e os intercambistas estão envolvidos durante sua viagem para os Estados Unidos e sua estada no país.

Deve-se pagar uma taxa de inscrição no Sevis, e é necessário guardar seu recibo de pagamento para apresentar durante a entrevista para obtenção de visto na Embaixada dos EUA. A taxa varia de acordo com o tipo de estudo ou programa de intercâmbio do qual você participará e o tipo de visto solicitado. A taxa do Sevis para a maioria dos estudantes é de US\$ 200.

Marque um horário para a entrevista de obtenção de visto entrando em contato com a Embaixada ou o consulado dos EUA mais próximo. Você encontrará essas informações em <http://www.usembassy.gov/>.

Os procedimentos do processamento de vistos podem variar, dependendo da Embaixada ou do consulado dos EUA, mas os candidatos a visto de estudante e de intercambistas têm prioridade. Informações sobre o tempo de espera para agendamento de entrevista e processamento de seu pedido ficam disponíveis em http://www.travel.state.gov/visa/temp/wait/tempvisitors_wait.php.



O site www.educationusa.state.gov oferece uma ampla gama de informações para estudantes estrangeiros que desejem cursar uma escola nos EUA.

Quando conseguir uma entrevista, você deverá reunir toda a documentação necessária. Isso inclui o recibo de pagamento da taxa do Sevis, o documento de qualificação do visto fornecido por sua instituição acadêmica, documentos de ajuda financeira, a taxa de processamento do pedido de visto e um formulário de pedido de visto preenchido convenientemente. Verifique também as informações contidas nos sites da Embaixada ou dos consulados.

Ao candidatar-se para obtenção de visto, você precisa estar ciente de que somente o visto não garante sua entrada nos Estados Unidos. Com um visto, é dada permissão para um cidadão estrangeiro viajar até um porto de entrada americano. Após a chegada, um inspetor da Alfândega e Proteção de Fronteiras dos EUA toma a decisão sobre a admissão do estrangeiro no país.

O processo de obtenção de visto pode soar complicado, mas lembre-se que 6,6 milhões de pessoas passaram pelo processo de recebimento de vistos de não imigrantes para os Estados Unidos somente em 2008.

OS FATOS REAIS

São muitos os conceitos errados sobre a dificuldade de obter um visto. Vamos examinar alguns fatos.

Mito 1: Os Estados Unidos determinam uma cota de vistos para limitar o número de estudantes estrangeiros que entram no país.

Fato: Não há limite para o número de vistos de estudante emitido pelas embaixadas e consulados dos EUA em todo o mundo. Se você for estudante qualificado e requerente de visto admitido em instituição americana, o Departamento de Estado quer que você aproveite essa oportunidade.

Mito 2: Posso melhorar minhas chances de obter um visto se contratar um agente educacional.

Fato: Não acredite em ninguém que lhe diga que pode ajudá-lo a conseguir um visto. Não dê dinheiro ou faça acordos com pessoas desse tipo. Pessoas que se autoproclamam “intermediários que dão um jeitinho” não têm nenhum acesso especial ao governo americano.

Mito 3: O requerente de visto precisa comprovar um nível mínimo de renda.

Fato: O estudante requerente de visto deve ser capaz de fornecer evidência financeira demonstrando que ele, seus pais ou patrocinador têm recursos suficientes para cobrir a anuidade escolar e as despesas de sobrevivência durante o período previsto para os estudos.

Mito 4: Somente os universitários mais qualificados conseguem os vistos.

Fato: Os vistos não são reservados para os melhores estudantes, mas a obtenção de um visto depende de ser aceito primeiramente em uma faculdade ou universidade dos Estados Unidos. Quando tiver sido admitido por uma instituição em nível acadêmico ou aceito como participante em programa de intercâmbio, a instituição acadêmica lhe fornecerá o formulário apropriado exigido pelo Sevis. Será pedida a apresentação desse formulário ao solicitar um visto. Você deverá demonstrar ao funcionário consular que o entrevistar que você é um estudante sério e bem informado sobre a instituição que o aceitou. Você também precisa demonstrar que tem um plano de estudo bem elaborado e conhecimentos sobre a matéria que está estudando.

Mito 5: Durante a entrevista para obtenção de visto, o funcionário consular espera ouvir as respostas “certas”.

Fato: O funcionário consular quer ouvir suas próprias respostas e uma descrição honesta de suas circunstâncias pessoais.

Mito 6: Você conseguirá um visto somente se for proficiente em inglês.

Fato: Se você está planejando estudar inglês nos Estados Unidos, não precisa mostrar proficiência nesse idioma. O domínio da língua inglesa é um fator que os funcionários consulares usarão para avaliar a competência geral de um estudante solicitante de visto. Contudo, bom nível de proficiência em inglês é um pré-requisito para intercambistas candidatos a visto J-1.

Mito 7: Você só consegue um visto se tiver parentes nos Estados Unidos.

Fato: Isso não é verdade. O funcionário consular entrevistador pode perguntar sobre parentes nos Estados Unidos durante a entrevista para obtenção de visto, simplesmente como pode perguntar sobre sua situação familiar em seu país de origem.

Mito 8: Estudantes estrangeiros não têm permissão para trabalhar ao visitar os Estados Unidos com visto de estudante.

Fato: Algumas oportunidades de emprego são possíveis, especialmente em programas de trabalho e estudo no campus com limite de horas.

Mito 9: Deve-se ter o futuro todo planejado para conseguir um visto.

Fato: Você deve ser capaz de discutir um plano de estudo realista, mas não um plano detalhado para sua carreira toda.

Mito 10: Deve-se voltar ao país de origem imediatamente após a conclusão dos estudos universitários.

Fato: Você pode se candidatar ao Treinamento Prático Opcional para trabalhar até um ano em seu campo de estudo nos Estados Unidos com a finalidade de ganhar experiência prática. ■

Tipos de vistos para estudantes e intercambistas

Visto F-1 de estudante: visto para pessoas que querem estudar em faculdade ou universidade americana credenciada ou estudar inglês em uma universidade ou instituto de idiomas.

Visto J-1 de intercambista: visto emitido para pessoas que participarão de programa de intercâmbio educacional ou cultural.

Visto M-1 de estudante: visto para os inscritos em programas não acadêmicos ou vocacionais.

Redes Sociais e Estudos no Exterior

Charlotte West



Cortesia: Universidade de Virgínia

Com o uso das mídias sociais, estes estudantes estrangeiros da Universidade de Virgínia podem manter contato mesmo após o fim da sua aventura americana

A tecnologia das redes de relacionamentos ajudou a tornar as fronteiras geográficas quase irrelevantes para jovens que buscam informações sobre programas educacionais ou que mantêm contato com colegas. Charlotte West é escritora freelancer e ex-estudante internacional.

Os estudantes usam cada vez mais os sites de relacionamento social, como o Facebook, para pesquisar destinos para estudos no exterior e obter informações de pessoas com experiência. Essa tecnologia também se mostrou um importante modo de manter contato com amigos feitos no exterior, assim como para conhecer novos.

O site *Café Abroad* foi criado em 2006 por Dan Schwartzman, na época um estudante de 24 anos formado pela Universidade Estadual da Pensilvânia, recém-chegado de um período de estudos na Austrália. Ele queria “criar um site feito por estudantes, para estudantes, onde os estudantes pudessem responder a qualquer pergunta de outro estudante com informações autênticas geradas por estudantes”.

Katherine Lonsdorf, recém-formada em Diplomacia e Assuntos Mundiais pela Faculdade Occidental, em Los Angeles, escreveu uma série de artigos para o *Café Abroad*. Seus textos inspiraram vários estudantes a contatá-la com perguntas sobre seu ano de estudos na Jordânia e no Oriente Médio. “Enquanto escrevia para o *Café Abroad*, fui contatada por pelo menos uma dezena de estudantes de todo o país que estavam pensando em estudar na Jordânia e queriam falar comigo sobre a minha experiência”, diz. “Eles geralmente me achavam no Facebook, após ler meu nome na linha de assinatura de algum artigo.”

CAFÉ ABROAD INPRINT

Nos anos seguintes ao seu lançamento, o site *Café Abroad* evoluiu para uma revista com distribuição nacional, a *Café Abroad InPRINT*, atualmente distribuída em mais de 330 faculdades e universidades nos Estados Unidos. Dan Schwartzman também desenvolveu o que ele chama de *Café Abroad Networking Solution [Solução de Relacionamento do Café Abroad]*. Segundo ele, o conceito



Steve McConnell/U.C. Berkeley

Na Biblioteca Doe da Universidade da Califórnia, Berkeley, estudantes têm acesso a mídias eletrônicas e tradicionais

é “uma rede de relacionamento social elaborada para permitir que escritórios de estudos no exterior se conectem com estudantes dentro de suas próprias escolas em uma rede particular supervisionada por administradores de programas de estudo no exterior — além de uma rede global onde os estudantes podem compartilhar suas experiências no exterior mais abertamente com outros estudantes em suas próprias escolas”.

A importância dos conteúdos gerados por estudantes, como os artigos escritos por Lonsdorf, recebe crescente reconhecimento por parte das instituições educacionais. A Universidade Estadual de Nova York (Suny) em New Paltz, por exemplo, lançou uma série de blogues sobre estudos no exterior produzidos por estudantes de vários programas.

Penny Schouten, consultora de marketing de estudos no exterior envolvida na tarefa de fazer os blogues de New Paltz deslançar, explica que o objetivo inicial dos blogues era diminuir a carga de trabalho das equipes nos escritórios, mas se tornou muito mais que isso. Além de publicar as crônicas dos estudantes em suas temporadas no exterior, os blogues criaram continuidade e participação entre estudantes em curso e em perspectiva, que também sentiram “estar prestando um grande serviço a seus campi”.

Schouten também falou sobre como é importante que os estudantes possam conseguir informações dos seus colegas. “Os estudantes não queriam ouvir de mim onde

estavam as casas noturnas descoladas de Londres; eles queriam ouvir dos outros estudantes”, diz.

ESPÍRITO DE COLABORAÇÃO

Schouten e Schwartzman reconhecem o potencial das mídias sociais para transformar o modo como os estudantes fazem suas escolhas para estudar no exterior. Schwartzman, por sua vez, espera que blogues, Facebook e soluções individuais de redes de relacionamento sejam apenas o primeiro passo.

“Para mim”, diz Schwartzman, “o próximo nível das redes de relacionamento social para estudos no exterior é um espírito de verdadeira colaboração, onde as informações sobre os programas, escolas, fornecedores de programas e destinos para estudos no exterior sejam intercambiadas em um fórum centralizado e de fluxo livre. Nesse fórum, os estudantes conseguiriam se comunicar uns com outros sobre estudos no exterior de modo aberto e sem censuras. Essa é, obviamente, uma perspectiva idealista — mas vale a pena trabalhar por ela”.

Você pode checar esses sites de relacionamento social na internet em <http://www.cafeabroad.com> e <http://www.abroadblogs.newpaltz.edu>. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição em as políticas do governo dos EUA.

Novas Exigências nas Fronteiras dos EUA



© Ricardo Moraes/AP Images

Estudantes de dança da Faculdade Goucher, localizada em Baltimore, Maryland, aprenderam alguns passos quando participaram de um intercâmbio com a escola de samba Mangueira no Rio de Janeiro

Cruzar fronteiras neste continente exige um pouco mais de planejamento do que anteriormente. Estudantes americanos em viagem precisam prestar atenção nas recentes mudanças das exigências de documentação para suas viagens e ignorar as lembranças saudosas de seus irmãos mais velhos de cruzar a fronteira canadense com apenas um aceno para os guardas de fronteira. Isso já foi assim; agora não é mais.

De acordo com a mais nova atualização da lei, os viajantes devem portar documentos de identidade e de nacionalidade para entrar nos Estados Unidos. Os últimos requisitos da Iniciativa para os Viajantes do Hemisfério Ocidental (WHTI) entraram em vigor em junho de 2009. Eles exigem que os viajantes apresentem passaporte ou outro documento reconhecido e seguro, que demonstre a cidadania e a identidade.

As exigências são uma das muitas medidas adotadas após os ataques terroristas de 2001 para melhorar a segurança e proteger o público americano.

A primeira fase da WHTI entrou em vigor em 2007 e obriga todos os viajantes aéreos a apresentarem passaporte, inclusive as crianças. A fase de 2009 exige documentos de todos os viajantes terrestres e marítimos, assim como de viajantes anteriormente isentos, inclusive cidadãos dos Estados Unidos, do Canadá e das Bermudas.



© Pablo Martinez Monsivais/AP Images

As novas exigências para os cidadãos americanos de portar passaportes quando em viagem no Continente Americano causaram uma corrida aos órgãos emissores, inclusive este em Washington, DC

Há algumas exceções. Crianças menores de 16 anos podem apresentar a certidão de nascimento ou outra prova de cidadania. Crianças entre 16 e 18 anos que viajam com igrejas, escolas ou grupos esportivos também poderão entrar no país com uma certidão de nascimento se houver a supervisão de um adulto do grupo. Indígenas americanos também poderão usar formas alternativas de identificação. ■

Prepare-se, Aí Vai Você

Então você foi aceito por uma universidade de outro país. Você está solicitando um visto. Uau! Já está pronto para dar adeus à sua mãe, afagar o cachorro e subir no avião, hein? Calma! Há muito mais coisas a preparar para uma viagem internacional. Sua viagem deve ser divertida e excitante, mas lembre-se de que o Departamento de Estado dos EUA sozinho tem de atender 200 mil viajantes a cada ano vítimas de crimes, acidentes ou doenças, ou cuja família precisa de um contato de emergência. Tudo pode acontecer, mas as consequências algumas vezes podem ser atenuadas com uma preparação adequada.

PREPARATIVOS DE LONGO PRAZO

Pesquise sobre as condições locais, o governo, a política, as leis, o tempo e a cultura do país que vai visitar. Todas essas influências moldarão as novas circunstâncias diárias de sua vida. Saiba onde está se metendo.

Verifique com o Ministério das Relações Exteriores de seu país se o governo emitiu anúncios ou advertências sobre viagens para o local onde você vai. Por exemplo, os americanos podem checar essas informações com o Departamento de Estado dos EUA no site http://travel.state.gov/travel/cis_pa_tw/tw/tw_1764.html.

Pense sobre sua saúde e assistência médica durante o período em que estiver viajando. Consulte a embaixada de sua nação no país de destino para se informar sobre a necessidade de vacinação ou imunização contra doenças do local para onde está indo. Se você faz uso regular de remédios especiais, certifique-se da legalidade dessas substâncias no país de destino e planeje como fará para manter o suprimento necessário.

Os Centros de Controle e Prevenção de Doenças dos EUA também mantêm à disposição do viajante informações abrangentes sobre várias doenças e problemas de saúde, com recomendações sobre planejamento antecipado. O site está disponível em <http://www.cdc.gov/travel>.

Você pode estar acostumado a um sistema nacional de assistência médica não existente em outros lugares. Será necessário descobrir as opções disponíveis de assistência médica no país de destino e que tipo de seguro-saúde e de viagem dará cobertura em caso de doença ou acidente. Se tiver alergias ou problema de saúde incomum, considere o uso de uma pulseira médica descrevendo o tratamento adequado.



Aprender os detalhes do câmbio é um passo importante em uma viagem internacional

Imaginechina via AP Images

Se planeja dirigir no exterior, verifique com as autoridades do país de destino a necessidade de uma Permissão Internacional para Dirigir (PID). O lugar mais confiável para se obter uma PID é nas associações nacionais de automóveis. Informe-se também sobre a cobertura exigida para seguro de carro.

PREPARATIVOS DE CURTO PRAZO

Deixe cópias dos documentos importantes em casa, com sua família. Isso inclui duplicata da página de identificação de seu passaporte, dos bilhetes aéreos, da licença para dirigir, dos cartões de crédito, do itinerário, do número de série dos cheques de viagem e de informações sobre contatos no exterior. Essas informações podem ser decisivas para que seus parentes possam ajudá-lo no caso de acidente ou emergência.



Jovem viajante apressa-se no aeroporto de Duesseldorf, Alemanha

© Roberto Pfeil/AP Images

embaixada ou consulado de seu país mais próximo de seu destino. Se possível, registre sua chegada na embaixada para que você possa ser localizado em caso de emergência.

Planeje várias maneiras de entrar em contato com sua casa: cartão de telefone, endereço eletrônico acessível internacionalmente, fax e outros.

Pesquise se seus dispositivos móveis sem fio funcionam no exterior.

Compre moeda estrangeira e/ou cheques de viagem. Procure saber se sua instituição financeira é membro de redes eletrônicas que possibilitam o uso de cartão de débito para acesso direto da sua conta-corrente. Evite carregar

Certifique-se de que as etiquetas de sua bagagem tenham seu nome, endereço e telefone. Também coloque informações sobre contatos dentro de cada peça da bagagem.

Conheça as orientações de segurança aérea referentes a bagagens e informe-se sobre o volume de bagagem permitido pela companhia aérea.

Saiba o limite de crédito de todos os seus cartões e como contatar, do exterior, as respectivas companhias.

Saiba a localização e informações para contato da

grandes quantias de dinheiro.

Por segurança, faça uma lista de todos os itens contidos em sua bagagem.

Providencie transporte para o aeroporto em seu país.

Informe-se sobre transporte terrestre no país que vai visitar e como chegar ao seu destino final. Esteja preparado para tomar as providências apropriadas.

Se estiver indo para um país com clima muito diferente do seu, assegure-se de ter roupa adequada para sua chegada. ■



Eileen Barroso/Universidade de Columbia

Novos pós-graduados na Universidade de Colúmbia acenam as bandeiras de seus países durante as comemorações da formatura em 2006

Guia de Recursos

Livros, relatórios, sites e outros materiais de referência voltados para o estudo internacional

LIVROS E RELATÓRIOS

Byram, Michael e Anwei Feng, orgs. *Living and Studying Abroad: Research and Practice [Morar e Estudar no Exterior: Pesquisa e Prática]*. Clevedon, Inglaterra; Búfalo, Nova York: Multilingual Matters, 2006.

Comissão do Programa Abraham Lincoln de Bolsas de Estudo no Exterior. *Global Competitive and National Needs: One Million Americans Studying Abroad [Necessidades Competitivas Globais e Nacionais: Um Milhão de Americanos Estudam no Exterior]*. Washington, DC, 2005.
http://www.nafsa.org/_/Document/_/lincoln_commission_report.pdf

Dowell, Michele-Marie e Kelly P. Mirsky. *Study Abroad: How to Get the Most Out of Your Experience [Estudo no Exterior: Como Obter o Máximo de Sua Experiência]*. Upper Saddle, Nova Jersey: Prentice Hall, 2003.

DuFon, Margaret A. e Eton Churchill, orgs. *Language Learners in Study Abroad Contexts [Alunos de Línguas no Exterior]*. Clevedon, Inglaterra; Búfalo, Nova York: Multilingual Matters, 2006.

Instituto de Educação Internacional. *Open Doors: Report on International Educational Exchange [Portas Abertas: Relatório sobre Intercâmbio Educacional Internacional]*. Nova York, Nova York, 2008.
<http://opendoors.iienetwork.org/>

44º Relatório Anual do Conselho de Bolsas de Estudo J. William Fulbright, 2007-2008. Departamento de Estado dos EUA, Escritório de Assuntos Educacionais e Culturais, Programa Fulbright Washington, DC, 2008.
<http://fulbright.state.gov/root/resources-for/lsb>

Kinginger, Celeste. *Language Learning and Study Abroad: A Critical Reading of Research [Aprendizado de Idiomas e Estudos no Exterior: Uma Leitura Crítica da Pesquisa]*. Nova York, Nova York: Palgrave Macmillan, 2009.

Lewin, Ross, org. *Handbook of Practice and Research in Study Abroad: Higher Education and the Quest for Global Citizenship [Manual de Prática e Pesquisa sobre Estudos no*



Estudante procura recursos de informação no Escritório de Estudos no Exterior da Universidade Estadual de Michigan

Exterior: O Ensino Superior e a Busca de Cidadania Global]. Nova York, Nova York: Routledge, 2009.

Li, Cheng, comp. *Bridging Minds Across the Pacific: U.S.-China Educational Exchanges, 1978-2003 [Unindo Mentes pelo Pacífico: Intercâmbios Educacionais EUA-China, 1978-2003]*. Lanham, Maryland: Lexington Books, 2005.

Loflin, Stephen E. *Adventures Abroad: The Student's Guide to Studying Overseas [Aventuras no Exterior: Guia do Estudante para Estudar Fora]*. Nova York, Nova York: Kaplan Publishing, 2007.

Pomfret, John. *Chinese Lessons: Five Classmates and the Story of the New China [Lições Chinesas: Cinco Colegas de Turma e a História da Nova China]*. Nova York, Nova York: Henry Holt and Company, 2006.

Rolls, Albert, org. *International Perspectives on Education [Perspectivas Internacionais sobre a Educação]*. Bronx, Nova York: H.W. Wilson, 2007.

Singer, Sandra L. *Adventures Abroad: North American Women at German-Speaking Universities, 1868-1915 [Aventuras no Exterior: Mulheres Americanas em Universidades Alemãs, 1868-1915]*. Westport, Connecticut: Praeger, 2003.

Spencer, Sarah E. e Kathy Tuma, orgs. *The Guide to Successful Short-Term Programs Abroad [Guia para Cursos de Curto Prazo Bem-Sucedidos no Exterior]*. 2a ed. Washington, DC: Nafsa, Associação de Educadores Internacionais, 2007.

Stevick, Doyle e Bradley Levinson, orgs. *Advancing Democracy Through Education? U. S. Influence Abroad and Domestic Practices [Promovendo a Democracia por meio da Educação? Influência Americana no Exterior e Práticas Internas]*. Charlotte, Carolina do Norte: Information Age Publishing, 2008.

A Study of Four Federal Graduate Fellowship Programs: Education and Employment Outcomes [Estudo de Quatro Programas Federais de Bolsas de Estudo de Pós-Graduação: Educação e Emprego]. Preparado por Lewis E. Kraus et al. para o Departamento de Educação dos EUA; Escritório de Planejamento, Avaliação e Desenvolvimento de Políticas; Serviço de Estudos de Políticas e Programas. Washington, DC, 2008. <http://www.ed.gov/about/offices/list/oeped/ppss/reports.html>

Sullivan, Erin E. *Study Abroad for Dummies [Como Estudar no Exterior para Iniciantes]*. Hoboken, Nova Jersey; Indianapolis, Indiana: Wiley, 2004.

Van de Water, Jack, Madeleine F. Green e Kimberly Koch. *International Partnerships: Guidelines for Colleges and Universities [Parcerias Internacionais: Diretrizes para Faculdades e Universidades]*. 4a ed. Washington, DC: Conselho Americano de Educação, 2008.

Walton, Whitney. *Internationalism, National Identities, and Study Abroad: France and the United States, 1890-1970 [Internacionalismo, Identidades Nacionais e Estudos no Exterior: França e Estados Unidos, 1890-1970]*. Stanford, Califórnia: Stanford University Press, 2009.

Williamson, Wendy. *Study Abroad 101 [Estudos no Exterior 101]*. 2a ed. Charleston, Illinois: Agapy Publishing, 2008.

TRABALHOS APRESENTADOS POR EX-BOLSISTAS FULBRIGHT

Le Clézio, Jean-Marie G. *Desert [Deserto]*. Boston: David R. Godine, 2009.

Le Clézio, Jean-Marie G. *The Round and Other Cold Hard Facts [A Ronda e Outros Fatos Diversos]*. Lincoln, Nebraska: University of Nebraska Press, 2002.

Shimomura, Osamu. *Bioluminescence: Chemical Principles and Methods [Bioluminescência: Princípios e Métodos Químicos]*. Hackensack, Nova Jersey: World Scientific, 2006.

Toledo, Alejandro. Discurso sobre o esforço para combater a pobreza pronunciado em 15 de junho de 2003, na Universidade de Stanford. <http://news-service.stanford.edu/news/2003/june18/toledotext-618.html>

Yunus, Muhammad e Alan Jolis. *Banker to the Poor: The Autobiography of Muhammad Yunus, Founder of Grameen Bank [O Banqueiro dos Pobres: Autobiografia de Muhammad Yunus, Fundador do Banco Grameen]*. Nova York: Oxford University Press, 2001.

Yunus, Muhammad. *Creating a World Without Poverty: Social Business and the Future of Capitalism*. With Karl Weber. New York: Public Affairs, 2007.

Yunus, Muhammad. *Um Mundo Sem Pobreza: A Empresa Social e o Futuro do Capitalismo*. São Paulo, SP: Editora Ática, 2008.

Yunus, Muhammad. *Halving Poverty by 2015: We Can Actually Make It Happen [Redução da Pobreza pela Metade até 2015: Podemos Fazer Acontecer]*. Dacca: Banco Grameen, 2003.



Romênia, Trinidad, Jamaica, Egito, República Tcheca e Quênia estão representados entre os atletas internacionais da equipe de corrida da Universidade do Sul do Mississippi

© Henriett Wildamith/AP Images/Hattiesburg American



© Jeff Chiu/AP Images

Sebastian Wickenburg, da Alemanha (esquerda), e Pui-Wa Li, de Hong Kong, saem da Casa Internacional da Universidade da Califórnia, Berkeley

Yunus, Muhammad. Discurso sobre microcrédito e empresa social proferido em 10 de maio de 2007, na Universidade de Vanderbilt.

<http://www.vanderbilt.edu/news/commencement2007>

SITES

Governo dos EUA

Instituto Smithsonian, Escritório de Relações Internacionais

O Escritório de Relações Internacionais apoia pesquisas e cursos do Instituto Smithsonian no exterior, atuando como ponte de ligação entre o instituto e instituições e organizações internacionais e auxiliando com os detalhes de logística de intercâmbios internacionais.

<http://www.si.edu/intrell/default.htm>

Departamento de Educação dos EUA, Escritório de Educação Pós-Ensino Médio

O Escritório de Educação Pós-Ensino Médio formula políticas educacionais pós-ensino médio e administra cursos que aumentam o acesso à educação pós-ensino médio de qualidade.

<http://www.ed.gov/about/offices/list/opei/index.html>

Departamento de Segurança Interna dos EUA, Imigração e Fiscalização Aduaneira: Sistema de Informações sobre Estudantes e Participantes de Intercâmbio (Sevis)

O Sevis é um sistema baseado na internet que coleta e mantém informações sobre participantes estrangeiros em programas de intercâmbio.

<http://www.ice.gov/sevis>

Departamento de Estado dos EUA

O **Bureau de Assuntos Consulares** oferece uma gama de informações para cidadãos americanos e estrangeiros que estejam planejando viagens internacionais.

http://travel.state.gov/visa/visa_1750.html

O Bureau de Assuntos Educacionais e Culturais

está na linha de frente dos programas de intercâmbio patrocinados pelo governo americano.

<http://www.exchanges.state.gov/>

O **EducationUSA** é um guia para o ensino superior nos Estados Unidos.

<http://educationusa.state.gov/>

O **Programa Fulbright** é um dos programas de intercâmbio mais antigos e mais conhecidos do governo americano.

<http://fulbright.state.gov/>

Instituições não governamentais

Conselho Americano de Educação, Centro de Iniciativas Internacionais

O Conselho Americano de Educação representa os reitores e chanceleres de todos os tipos de instituição de ensino superior dos EUA. Esse centro oferece programas e serviços que aprimoram a internacionalização dos campi americanos.

<http://www.acenet.edu//AM/Template.cfm?Section=cii>

Amideast, Serviços Educacionais e de Capacitação EUA-Oriente Médio

A organização Serviços Educacionais e de Capacitação EUA-Oriente Médio é uma entidade privada sem fins lucrativos que trabalha para fortalecer o entendimento mútuo e a cooperação entre os americanos e os povos do Oriente Médio e do Norte da África.

<http://www.amideast.org/>

Café Abroad

Este site hospeda discussões e trocas de informações entre estudantes sobre educação internacional.

<http://www.cafeabroad.com>

Conselho de Intercâmbio Internacional de Educação (CIEE)

O Conselho de Intercâmbio Internacional de Educação cria e administra programas que permitem que alunos

universitários e do ensino médio e educadores estudem e ensinem no exterior.

<http://www.ciee.org/>

Intercâmbio de Ensino de Engenharia Global

O Global E³ é um programa de intercâmbio de estudo no exterior para engenheiros. Alunos de engenharia de graduação e pós-graduação de universidades-membro dos Estados Unidos e do exterior podem fazer trabalhos de curso e estágios profissionais em universidades-membro de todo o mundo.

<http://www.globale3.org/>

Laspau: Programas Acadêmicos e Profissionais para as Américas

Organização sem fins lucrativos filiada à Universidade de Harvard, a LASPAU elabora, desenvolve e implementa programas acadêmicos e profissionais para beneficiar as Américas.

<http://www.laspau.harvard.edu/>

Conselho de Pesquisas e Intercâmbios Internacionais (Irex)

O Irex é uma organização internacional sem fins lucrativos que trabalha para melhorar a qualidade da educação, fortalecer a mídia independente e fomentar o desenvolvimento da sociedade civil pluralista.

<http://www.irex.org/programs/grants.asp>

Associação Nacional dos Assuntos de Estudantes Estrangeiros (Nafsa)

A Nafsa é uma organização que promove a educação internacional e propicia oportunidades de desenvolvimento profissional no setor.

<http://www.nafsa.org/>

Universidade Estadual de Nova York (Suny), New Paltz

Este site da Universidade Estadual de Nova York apresenta vários blogues sobre o estudo no exterior escritos por estudantes de diversos cursos.

<http://Abroadblogs.newpaltz.edu/>

PROGRAMAS DE BOLSAS DE ESTUDOS

Prêmios Boren para Estudo Internacional

As bolsas de estudo Boren oferecem oportunidades de financiamento para alunos americanos de graduação e pós-graduação acrescentarem um componente

internacional e linguístico à sua educação.

<http://www.borenawards.org/>

Programa de Bolsas de Estudo Fulbright

O mais importante dos programas de estudo do governo americano, o Programa de Bolsas de Estudo Fulbright fornece a cada ano bolsas de estudo para até mil alunos americanos em outros países e 1.500 bolsas para alunos de outros países nos Estados Unidos.

<http://www.fulbright.state.gov>

Bolsa de Estudo Gates Cambridge

A Fundação Bill e Melinda Gates criou esse programa de bolsas de estudo para possibilitar que alunos de pós-graduação destacados de fora do Reino Unido estudem na Universidade de Cambridge.

<http://www.gatesscholar.org/>

Programa de Bolsas de Estudos Internacionais Gilman

O programa de Bolsas de Estudos Internacionais Benjamin A. Gilman, patrocinado pelo Bureau de Assuntos Educacionais e Culturais do Departamento de Estado dos EUA, incentiva alunos de graduação designados em programas de estudo no exterior.

www.iee.org/gilman

Bolsas de Estudos Internacionais On-Line

Este site é um recurso sobre ajuda financeira e bolsas de estudo para alunos que desejam estudar no exterior.

<http://www.internationalscholarships.com>

Workshop de Estudos Coreanos para Educadores Americanos

Patrocinado pela Fundação Coreia, esse workshop aprimora o entendimento mútuo ao convidar educadores americanos a visitar a Coreia.

<http://www.iee.org/Admin/Website/WPreview.cfm?CWID=768>

Bolsas de Estudo Marshall

Bolsas de estudo patrocinadas pelo governo britânico em homenagem a George C. Marshall, que supervisionou o programa de recuperação econômica para reconstruir a Europa depois da Segunda Guerra Mundial.

www.marshallscholarship.org

Bolsas de Estudo Rhodes

O Rhodes é um dos programas de bolsas de estudos mais antigos e mais prestigiados, patrocinando 32 alunos americanos para estudar na Universidade de Cambridge

no Reino Unido.

<http://www.rhodesscholar.org/info>

Notícias sobre Bolsas de Estudo

Este site fornece links para bolsas de estudo, verbas e estágios para alunos.

<http://www.free-4u.com>

FILMOGRAFIA

Albergue Espanhol (2002)

<http://www.imdb.com/title/tt0283900/>

Produtor: Bac Films

Diretor: Cedric Klapisch

Sinopse: Um austero estudante francês de Economia participa de um programa de intercâmbio europeu para aprender espanhol e divide um apartamento em Barcelona com outros seis estudantes de outros países da Europa.

Duração: 122 minutos.

De Paris, com Amor (1979)

<http://www.imdb.com/title/tt0079176/>

Diretor: Willard Huyck

Sinopse: Um grupo de estudantes americanos de intercâmbio vai para Paris estudar o idioma e a cultura.

Duração: 95 minutos.

Nota: Coprodução França, Alemanha Ocidental e Estados Unidos.

J. William Fulbright: The Man, the Mission and the Message (2006)

<http://jwhfulbright.org/news/video.html>

Produtor/Diretor: W. Drew Perkins:

Sinopse: Perfil narrado do senador americano visionário cuja legislação criou o Programa Fulbright de intercâmbios educacionais internacionais.

Duração: 60 minutos.

Uma Aventura em Oxford (1984)

<http://www.imdb.com/title/tt0087866>

Produtor: Baltic Industrial Finance/Winkart Film Productions

Diretor: Robert Boris

Sinopse: Um jovem e dinâmico americano procura a garota de seus sonhos na Universidade de Oxford onde precisa se matricular para ganhar seu interesse.

Duração: 97 minutos.

O Departamento de Estado dos EUA não assume responsabilidade pelo conteúdo e disponibilidade dos recursos relacionados acima. Todos os links da internet estavam ativos em agosto de 2009.

